Ie ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

O PATRIOTA,

JORNAL LITTERARIO, POLITICO, MERCANTIL, &c.

DO

RIO DE JANEIRO.

Eu desta gloria só fico contente,
Que a minha terra amei, e a minha gente.
Ferreira.

N. 4.º

ABRIL.

RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
1813.
Com Licença.

Vende-se na Loja de Paulo Martin, filho, na rua da Quitanda, n.º 34, por 800 reis.

LITTERATURA

ODE

Remettida de Versailles á Paris por Francisco Manoel Nascimento (Filinto Elysio) á Domingos Borges de Barros.

Thebaida 14 *de Agosto de* 1810.

Quid nos? quibus te vita sit superstite
Jucunda, si contra gravis. Horat.

COM magoa ouvi que partes, caro Borges (1),
Deixas-me neste êrmos,
Saudoso, velho? e ameaçadora a Morte
Brande (não de mim longe!)
A luzidia fouce: agra a Pobreza
De feia catadura,
C'o as secas mãos me aperta o peito anciado!
Em quanto o alivio tinha
De receber teus versos, tuas prozas,
De em cambio remetter-te
As minhas, socegava a séva fragua
De atribuladas penas,

(1) Mande-me alguma poezia descriptiva das terras de Cabral.

Com que o futuro me enegrece os dias.
Mas de ti quando ausente . . .
Afasta-te de mim, acerba idéa!
Vai Borges: brandos zephyros
Nas azas teu baixel continuos tomem,
E á Patria te confiem (2);
A' Patria que contente os braços te abre
Para te estreitar n'elles.
Verás o Pai, que te ama, e que respeitas,
Os Irmãos, os Amigos (3),
O tecto, o berço, onde com raio puro
Ati recem-nascido
Deu prima luz o sol. Quanto se prezão
Os bosques, onde infantes
Demos tenrinhos passos mal seguros!
Com que prazer não vemos,
Depois de largos annos de apartados,
Os que, na verde idade

---

(2) Sic te Diva potens Cypri
Sic fratres Helenæ, lucida sidera,
Ventorumque regat Pater
. . . . . .
Navis, quæ tibi creditum
Debes. . .

(3) Lembranças a Antonio d'Araujo, á Alexandre Gomes Ferrão, e a Paulo José de Mello, com quem me ligou d'amizade a Fama das suas virtudes, e a leitura de seus excellentes versos.

Com nosco erão no estudo, erão no jogo?
De tudo vás lograr-te
E eu, apezar da dôr de ver-te ausente,
Devoto aos Ceos t'o imploro.

*Epistola em resposta, remettida de Paris á Versailles, por B*** á Filinto Elysio.*

Paris 17 *de Agosto* 1810.

Determinei de assi nos separarmos,
Sem o despedimento costumado,
Que posto que he de amor uzança boa,
A quem se aparta, ou fica, mais magoa.
Camoens Cant. IV. Oit. 93.

VEio-me c'o a razão o amor da Patria,
Aquella enobrecendo, este incitando
O estudo: vereda encontrar busco,
Que aos desejos, em que ardo, me encaminhe:
Nas plagas de Cabral, meu patrio ninho,
Tão louçã, quanto inculta, a natureza
Admiro absorto: aqui longevos bosques
Com verde espesso manto, insultão, quebrão
Do sol os raios; c'os erguidos cimos
Vão topetar co'as nuvens. Empinados
As curvas praias ornão, os pés dando
Aos abraços de Thetis, hospedosos,
Ferteis coqueiros, que no fructo off'recem
Ao lasso navegante o licor doce,

A saborosa pôlpa, o oleo, a taça,
E nas fibras do tronco a forte amarra.
Por entre luteas flores, verdes ramas,
Do potente casulo pende a felpa
Do niveo algodão; bem quaes d'Odino
Nas plagas, os carambanos alvejão.
No matizado prado ergue a coroa
O cheiroso ananás, qual Rei das fructas.
A quente especiaria aqui se encontra,
Os balsamos, o aroma, e a casca amiga
Da existencia do homem (1). Mais brilhantes,
Mais vivas cores patentêa Flora,
De mais formosos, variados fructos
Pomona aqui se arrêa: aqui de Ceres
São liberaes os dons. Mais longe encaro
O Gigante das agoas (2), dominando
Despota sobre os mares. Nestes climas
Prodiga em tudo a mão da natureza,
Té nos horrores seus grande se ostenta:
Porque junto a tão solidas riquezas
As fontes pôs d'esse oiro insultuoso,
D'esse empeço d' industria, esse, que incita
As sordidas paixoens, deslumbra Estados!..
D'esse... após quem o homem corre ancioso,
O curso aos rios muda, desmorona
Os montes; e insultada a madre terra
Mostra na esteril face a injuria sua.
Vingar de Ceres pertendi o insulto,

---

(1) Quina.
(2) Amazonas.

Deixando os patrios, em alheios climas
Luzes vim mendigar; e quando o esp'rito
Refocillar da lida me ordenava,
Deleitavão-me as Muzas: li teus versos,
Horacio em Luso metro ler cuidando,
A' mente e ao coração juntos fallarão.
Ah! quantas vezes pranteêi teus Fados?..
O Poetico Stadio tu me abriste,
Se hum dia, em brando ocio, hum verso digno
Correr da pena minha, a gloria he tua.
Rôxos os pulsos já da tirania
Com os ferros não sinto. Adeos, ó França!
Terra credora de melhores fados,
Ah! Quando quebrareis as vis cadêas
Que estranhas mãos ao colo te lançárão?..
Do fraudulento Oceano os perigos
Vou de novo arrostar: talvez que veja
O berço de Franklin... Ficas, Filinto...
E eu parto!.. Porque amor divide as terras!..
Qual liga as almas d'amizade o laço,
Porque os corpos tambem ligar não póde?..
Tal quer a natureza, e tal nos dicta
Na saudade, atracção, que o peito chama
Para ao do amigo, que está longe, unir-se.
Se os Ceos derem que hum dia a cara Patria
O mui querido Pai, e Amigos veja,
Com nosco vivirás, Filinto amigo.
No certamen poetico teu verso
Nosso farol será: o Luso idioma
Hemos d'estudar n'elle: nós com tigo,
Relendo-o, vezes mil conversaremos.

E quando juntos, no amical banquete,
Nos copos espumar festivo Bacho,
Seu primeiro tinir será teu brinde.
Em tanto qual vai ser a sorte minha!
Alheias terras deixo, irei a alheias!..
Quando verei os bosques, *onde infante*
Dei os tenrinhos passos mal seguros!..
Corrêa, Marialva, Brito, Mello,
E os mais, que em triste exilio deixo! Quando!..
Quando!.. Filinto adeos! Lembre-te ás vezes
O mui saudoso caro Amigo Borges.

Lyra inedita de Gonzaga.

TU não verás, Marilia, cem cativos
Tirarem o cascalho, e a rica terra,
Ou do cerco dos rios caudalosos,
Ou da mina da serra.

Não verás separar ao habil negro
Do pezado esmeril a grossa arêa;
E já brilharem os granitos de ouro
No fundo da batêa.

Não verás derribar os virgens mattos,
Queimar a capoeira ainda nova;
Servir de adubo á terra a fertil cinza,
Lançar os grãos na cova.

Não verás enrolar negros pacotes
Das secas folhas do cheiroso fumo,
Nem espremer nas endentadas rodas
Da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa meza
Altos volumes de enredados feitos;
Ver-me-has folhear os grandes livros,
E decidir os pleitos.

Em quanto revolver os meus Consultos,
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os fastos da sabia mestra historia,
E os cantos da Poesia.

Lerás em alta voz a imagem bella;
E eu, vendo que lhe dás o justo apreço,
Gostoso tornarei a ler de novo
O cançado processo.

Se encontrares louvando huma belleza,
Marilia, não invejes a ventura,
Que tens quem leve á mais remota idade
A tua formosura.

Epigrammas de Diniz.

I.

NÃO teme do martello o estrondo e o pezo
A bigorna, onde geme o ferro acceso:
Nem varão, que tenaz segue a virtude,
O insano murmurar do povo rude.

II.

Se os Poetas, segundo o teu juizo,
Todos huns loucos são, se não tem cizo:
Como não es Poeta, meu Filetas?
Mas ja sei: loucos são, e não patetas.

III.

Dizem, Bavio, que em velho dialecto
Fizeste a alguns Poetas hum Soneto:
Mas testemunhos são de homens preversos,
Que tu nunca soubeste fazer versos.

IV.

Hum Poeta o epitaphio engrandecia,
Que para os ossos seus composto havia;
E hum ouvinte lhe torna: está tão bello,
Que já em seu lugar tomara eu ve-lo.

SATIRA.

Est modus in rebus, sunt certi denique fines,
Quos ultra, citraque nequit consistere rectum.

Horat. Lib. I. Sat. I.

A Satira grosseira por qual caminho novo
Deixou os feios crimes, com que assustava o povo?
Baco enrolando a parra nos tempos da vindima,
De fezes tinto o rosto, dictou obscena rima.
Vio Thespis menos torpes os satyros violentos,
E da tragica scena lançou os fundamentos
Da plebe iniqua e rude já com melhor destino
A satira passou para o Paiz Latino,
Quando o feroz Lucilio co' braço levantado
Ferio grande e pequeno c'hum azurrague hervado:
Tão grande liberdade foi logo reprimida,
E sendo mais modesta, não foi menos temida.
O espelho, que não mente, mostrou a Roma Horacio;
Fez Persio e Juvenal tremer depois o Lacio.
Veio Regnier, e veio Despreaux com arficios,
E fez que alguem se risse ao ver seus proprios vicios;
E a nossa antiga gente julgou por impiedade
Zombar dos prejuizos, que reinão na Cidade,
Confundindo o libello, que as justas Leis offende
Com a satira urbana, que os vicios reprehende.
Mas esse véo grosseiro, que as luzes encobria,

Rasgou-se, e deo lugar ao mais sereno dia.
Quanto se deve á Mão, que Rege o Sceptro
Augusto!
Cahio a estupidez, podemos rir sem susto,
Se a querem levantar os timidos sequazes,
Já sofre piparotes, e pulhas dos rapazes.
Animo agora, ó Muza, que as letras tem
Mecenas:
Não temos que invejar de Roma, nem d'Athenas.

No meio he que a virtude tem firme o seu lugar;
Quem vai pelos extremos não o dezeja achar.
Triste, cançado, e magro o sordido Avarento,
Harpagon, as moedas ajunta cento a cento.
Não fuma chaminé, na ea a reina a fome.
Quem póde advinhar o que, ou quando come?
Conta-se que huma vez por festa do Natal
Comprou dez reis de nabos: ó epoca fatal!
Quebrou-se . . . ó dia triste, dia de graves
damnos! (annos.
Quebrou-se-me a panella, que tinha ha quarenta
O' nabos! ó desgraça! ó infeliz panella,
Que tão pouco duraste! ficou-me esta tigella,
Epondo-a sobre as brazas, rebenta: o estampido
Cobre de negras cinzas o velho espavorido;
E para maior magoa quiz inimigo o fado
Que de carvoens volantes fosse o calção tostado.
Depois de tantas perdas fez voto, e com razão,
De nunca mais gastar nem lenha, nem carvão.
De dia conta os sacos, de noite posto á vella,
Espreita, e de si mesmo receia, e se acautella.

Treme ao leve ruido do vento, que sussurra,
Tem o seu deos guardado na chapeada burra.
He justo o que lhe agrada, e só lhe agrada o oiro,
Que adora, e que o faz pobre no meio do thezoiro.
Mata a rabuje ao cão, e o mizeravel gato
Vive, porque em descuido pilha por sorte hum rato.
Que usuras descaradas! que furtos, que rapina
Achou da vil trapaça na detestavel mina!
Ao triste devedor no Inverno desabrido
Despe insolente as filhas, quer tudo convertido
Em oiro n'hum leilão, passado a quem der mais;
Vê sem remorso o pranto, ouve sem pena os ais.
Menos inexoravel em seus caprichos cegos,
Achilles vio morrer junto das Náos os Gregos.
Escravo da riqueza, miserrimo usurario,
Inda co'amorte á vista recusa o necessario.
Hum caldo de galinha restaura a natureza;
Hum caldo! ha neste mundo quem faça tal despeza?
Moeda despendida ou tarde, ou nunca torna:
A tosse, que me afflige, curo com agoa morna,
E para a ter á mão achei hum facil meio,
Pois n'hum pequeno vidro a aquento aqui no seio;
E sem carvão, nem lenha, nem outras invenções,
Dos Medicos me rio nas minhas defluxoens.
Harpagon, Harpagon, tropego, triste, e velho,
Contempla o teu estado, eu te apresento o espelho.

Mas ah! que tu desmaias ao ver-te em tal
figura,
Espectro descarnado n'huma caverna escura!
Já para respirar te faltão os polmoens:
Vigilias, frio, fome, cuidados, e afflicçoens
Nos braços te lançarão da morte enfurecida.
Responde que acção boa fizeste em toda a vida?
Que premio conseguiste por dias tão cançados?
Enchi aquella burra de dobras e cruzados.
O' que inuteis fadigas! que sordidos trabalhos
Para ter hum capote com mais de mil retalhos,
Capote de Arco Iris, gala de todo o anno,
Que nem tu mesmo sabes qual foi o antigo
pano,
E o ventre, que escondido nos ossos mais trazeiros
Vio em longas dietas passar trinta Janeiros!
E que querias tu? que eu fosse hum dos cas-
quilhos,
Que gasta o cabedal em chitas e polvilhos?
Ou prodigo glotão, que passa o dia inteiro
Rodeado de cópos, bebendo o seu dinheiro?
Que, sem lançar as contas ás minhas fracas rendas,
Juntasse os caçadores de ceias e merendas?
Não; essa boa gente comigo não faz vaza,
Eu gosto dos banquetes, mas não em minha casa.
Os lucros vão a menos, não ha ganhar vintem;
E aquillo que se poupa, he só o que se tem.
Por isso o novo herdeiro promette á boa fé
Gastar em carruagem quanto ajuntaste a pé.
Quem he este, que passa vaidozo em seu carrinho?
He do avaro Harpagon o prodigo sobrinho,

Que alegre vio morrer o sordido avarento,
De forças exhaurido por falta de alimento.
Co'as chaves abraçado o Tio inda expirava,
Quando elle grandes coisas na idéa já formava.
Eis hum palacio erguido, bordados reposteiros,
Que por argollas correm á voz dos Escudeiros.
Revestem-se as paredes de peregrinas cores,
Que sobre os ricos panos varião os lavores.
Seges, bestas, lacaios, que tem seus appellidos,
Que imitão a seu amo, fazendo-se atrevidos;
Ao sumptuozo, ao grande, o luxo, o fasto iguala;
Os teus quadros, ó Rubens, adornão esta sala,
Nest'outra, que moldura não tem cada painel,
Obra da sabia mão do illustre Rafael?
Que falta mais? amigos; e amigos que vem logo
Leva-lo ás assembleas, ao lupanar, e ao jogo.
Cheira a cozinha ao longe, tres Mestres occupados
Dispõe por arte as massas, os molhos, e os assados.
Tres Mestres! e são todos precizos nas funcçoens
Para darem os banquetes ao gosto das Naçoens;
Que fora grão dezar, e acção menos prezada,
Pôr ao sombrio Inglez a meza afrancezada.
Tudo o que he fino, e bom, aqui aos montes acho,
Como as coisas grosseiras nas vodas de Camacho.
Que faz destas mulheres tão grande ajuntamento,
Que me parecem pobres á porta de hum Convento?
Tudo he gente vadía, que tem algum direito
De arrecadar os roubos, que em casa se tem feito;

Encobrem-se huns aos outros, e furta o boleeiro,
Lacaio, comprador, mordomo, e cozinheiro.
De dia e noite o cercão cem mil aduladores,
Que dos seus desvarios celebrão os louvores.
Vós sois homem de bem lhe diz, sereno o rosto,
Parurgo, o adulador, tendes juizo, e gosto;
Quanto os seus bellos dons com vosco o Ceo re-
parte! (Marte,
Sois Alexandre, e Cezar; sois Hercules, e
Sois Adonis, Narcizo . . e que hei de dizer mais?
Sois homem sem segundo, que a todos assombrais.
Do vosso nome a gloria, e as inclitas acçoens
Celebra ao longe a fama por todas as Naçoens.
Prosegue, e quando o vê bem cheio de vaidade,
Expoem-lhe a sua triste, cruel necessidade;
E o ávido mancebo, que mais louvor dezeja,
De cem dobras a bolça magnanimo despeja;
Dobras por quem o Tio já macilento e fraco
Quiz antes ver a morte, que dezatar-lhe o saco.
Duvída que haja frio, ou tragadora fome;
Sem pezo, nem medida, tudo o que tem consome;
Que muita gente sabe vencer a sorte dura,
Mas perde as estribeiras no cume da ventura.
Esgotão-se os thesoiros, torna ao estado antigo;
Todos o desconhecem, não acha hum só amigo;
E os mesmos argonautas por mófa, e por
desdoiro
Celebrão a conquista do Velocino de oiro.
Ei-lo de porta em porta, que mendigar
pertende. (arrepende!
Que amargos fructos colhe, quem tarde se

Infeliz, que abatido em tão adversa sorte,
Até lhe faltão meios de abreviar amorte.
Huma corda deseja, mas o desejo he vão;
Porque huma corda custa metade de hum tostão.
De excessos e desgostos na esqualida presença
Se ajuntão os algozes da pallida doença. (real
Coberto em fim de opprobrio, com fome, e sem
Vai terminar seos dias á porta do hospital.
Lá ficão as Irmans, pobres na flor da idade,
Expostas aos perigos da vil necessidade; (pejo,
E Eulipo o barrigão sem fé, sem lei, sem
Soltando alegre as vellas no mar do seo dezejo!
Com dadivas, com rogos, e ainda com violencia, *Coge C,ofar* será da misera innocencia.
E os vãos dissipadores da sua rica herança,
Tudo, e até os seos nomes apagão da lembrança,
E se alguem se recorda da prodiga loucura
He para as insultar na sua má ventura.
Que tristes consequencias, que funebre retrato
Mostra de seos costumes o prodigo insensato!

Creonte o atrabilario compoem de sorte o rosto
Que a todos enfastia com seo mortal desgosto,
Affecta o ser sincero, e em falta de razoens,
Mostra o seu desprazer no gesto e nas acções,
Encolhe o hombro ás vezes, e o modo seo me ensina
Que ha rizo mais picante que a satira ferina.
Elle aborrece os homens, mas elles com cuidado
Da sua vista fogem, como de cão danado.

Sempre raivoso, e fero, não tem mais grato
estudo. (tudo.
Do que inventar os meios de pôr veneno em
Ao mesmo sexo amavel dirá, franzida a testa,
Que a triste velha he bruxa, que a moça he
pouco honesta. (devora?
Quem ha que escape á bilis, que o seca, e que o
Se hum canta he porque canta, se hum chora
he porque chora.
Lidoro observa os astros: perde o seo tempo
em vão.
Ticio estuda Direito: será grande ladrão.
Com gosto á Medecina Biophilo se aplica:
Não vale contra a morte sciencia, nem botica.
Nicandro faz bons versos; he leve do miôlo.
Emilio não os faz: não tem que ver, he tôlo.
Tudo vos desagrada! e que dirão de vós,
Que tudo escureceis co'vosso genio atroz?
Ainda espero ver-vos com quatro bonifrates
Reger o mundo em seco na caza dos orates.
Lá da vossa loucura dando as mais certas
provas,
Veremos fecundar vossas idéas novas.
Em tanto Atalafron, que em tudo acha belleza,
Pertende ser distincto na graça e gentileza.
Tudo lhe causa gosto; que genio singular!
Até se põe a rir de ver os mais chorar.
Sempre mordendo os beiços, estuda com cuidado
Hum vagoroso andar, hum gesto adocicado.
Conhece das pomadas o autor, e nomes varios,
Que podem bem formar dois grossos diccionarios.

Polindo cada dia tres vezes as fivellas;
Cuida que todo o povo só poem os olhos nellas.
Este novo Nireo busca ao entrar na Igreja
Hum sitio descuberto, para que o mundo o veja.
Tem gosto, e para as modas dá novas eleiçoens:
Sempre aos amigos falla, contando-lhe os botoens.
Quanto ouve na assemblea depois por seo nos vende,
Galra de pressa, e muito; mas elle nada entende.
E até quando conversa, vós o vereis em pé
Fazer passos de dança, rosnando hum *tri-olé*.
Se tem de responder primeiro entoará
O lindo retornelio: *la-ran-tu-rá-la-rá*.
Tartufo o jacobeo, que destro em novas manhas,
Sabe contos de velhas ordidos de patranhas,
Dos Santos o lugar crê que não he mui alto,
Pois co'as contas na mão lá quer chegar d'hum salto,
Devoto beija o chão, fazendo mil tregeitos,
Os olhos põe no Ceo, bate com força os peitos.
Mas a inveja, a soberba, a intriga, e a ambição
São todas as virtudes, que tem no coração.
Para qualquer maldade hum destes se aparelhá,
Lobo cerval coberto co' a lan da mansa ovelha;
Que vezes lhe não foi nas impias mãos achado
Fogo devorador, ou ferro ensanguentado!
Clitandro d'outra parte, moço de engenho fino,
He contra o jacobeo, mas faz-se libertino.
As mais santas verdades são fabula aos seos olhos,
Quiz evitar as pedras, cahio sobre os abrolhos.
Serve-se em todo o cazo do lume natural;

Nem sei se elle acredita, que tem alma immortal.
Mas longe o libertino, longe o devoto falso,
De riso menos digno, que de odio e cadafalço.
Para vicios oppostos são varios os caminhos:
Rufilo cheira a almiscar, Gorgonio a rapozinhos:
Deve de cheirar mal quem sempre cheira bem;
Fujamos dos extremos, tudo seus meios tem.

Mas quam poucos estimão o virtuoso meio!
De cabeças vazias o mundo está bem cheio!
Quem mais quer distinguir-se, não he quem mais repouza;
Pois juizo entre loucos he perigosa cousa.
Nascido na Provincia, Ergasto ainda ignora
Os affectados modos, que o vão casquilho adora.
Doma hum feroz cavallo, e sabe posto em terra
Repulsar n'hum ataque todo o furor da guerra:
He justo, he moderado, mas vem servir de riso,
Porque sobre o espelho não sabe ser Narciso.
Ignoras, lhe diz hum, como se toma o chá...
Não tens este ar da Corte, diz outro d'acolá.
Já cresce dos topetes a turba louca e infame,
A quem o bom mancebo pergunta em seo vechame,
A risto, o Sabio Aristo, que altos heroes imita,
He Espartano forte, ou fraco Sybarista?
Elles tornão a rir, mas sem saber porque.
E o aldeão prudente, que afflicto, e só se vê,
Deixa a Cidade, e foge do luxo, e desconcerto,
Para viver honrado no seo feliz deserto.

M. J. S. A.

Grammatica Philosophica.

Senhor Redactor.

AS Definiçoens Grammaticaes, publicadas no primeiro numero do seu Jornal, moverão algumas pessoas a pedirem-me communicação do que eu tivesse por escrito sobre a Philosophia das Linguas: e posto que eu só lhes podesse mostrar ensaios imperfeitos, instarão-me para que os publicasse mesmo nesse estado.

Reflecti que, apezar da sua imperfeição, poderião ter a vantagem de excitar engenhos mais felizes a publicarem tambem, ainda mesmo por fragmentos, o resultado das suas meditaçoens sobre este tão vasto, quanto interessante assumpto; sendo certo que, á vista do pouco que sobre ella se tem escrito, só por este modo he que se póde esperar que com o tempo se venha a formar hum corpo de doutrina.

Este o motivo, por que remetto, para serem inseridas no seu Periodicos estas primeiras idéas elementares, se ellas lhe parecerem de alguma utilidade: e com este testemunho da sua approvação, irei remettendo successivamente o que em outro tempo apontei sobre estas materias; bem como as correçoens, que ulterior estudo, ou a critica dos bons julgadores, forem descobrindo.

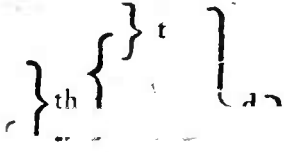
(Vejão-se as Tabellas juntas.)

m

3. O concurso de qualquer das
nunciada a meio tom ; chama-se

N. B. *Aos exemplos dos Diph*
cumpre accrescentar os das Nasaes
téis (*ou como se costuma escrev*
Mien : *em Francez*.

t, Portugueza, Hespanhola,
as affinidades.



4. São compostas as seguintes combinaçoens de consoantes: bd, bl; br; cl; cm; cn; cr; cs; ct; cz; dn; dr; dz; fl; fr; gd; gl; gm; gn; gr; kl; km; kn; kr; ks; kt; kz; pf; pl; pn; pr; ps; pt; sd; sf; sg; sk; sl; sm; sn; sp; sq; st; sv; tl; tm; tn; tr; thl; thm; thn; thr; vl; vn (*que se pronuncião: phl, phn*) vr, *quer se pronuncie* vr; *quer como phr.*

5. São *gutturaes*: h; ch; gh; g; k—*palatinas*: ill; j; ll; gn — *maxillares*: j; x; tx; dj sh; s; n; l; r; rr—*dentaes*: z; dz; tz; ss; th; ç; d; t—*labiaes*: b; p; m; w; ph — *labio-dentaes*: f; v.

6. Chama-se *Figurativa* de cada huma das vogaes de huma palavra simples a consoante, simples ou composta, que a precede immediatamente.

7. As consoantes, que se seguem até á figurativa da vogal seguinte, chamão-se *Addicionaes.*

8. Chama-se *Syllaba* cada huma das vogaes de huma palavra simples, com a sua figurativa e addicionaes (havendo-as).

9. As palavras, que affirmão, ou negão a existencia real, ou hypothetica do significado, em tempo determinado ou indeterminado; chama-se *Verbo.* Exemplos: *Firo, sou ferido; Durmo.*

10. Se o facto, que o verbo exprime, se considera como rasão de outro facto; chama-se o verbo *activo.*

11. E chama-se *transeunte*, se o effeito, de que esse facto he razão, se verifica em outro sujeito. Exemplo: *Cortei.*

12. Mas, se se verifica no mesmo sujeito; chama-se *intranseunte*. Exemplo: *Cubro-me.*

13. Porém, se o facto, que o verbo exprime, se considera, como effeito; chama-se o verbo *passivo*. Exemplo: *Foi ferido.*

14. Quando se não considera, nem como razão, nem como effeito; mas como hum simples estado do sujeito; chama-se o verbo *neutro*. Exemplos: *Anda*; *Dormia.*

15. As palavras, de que se usa para designar o agente da significação de algum verbo; chamão-se *Substantivos*. Exemplos, *Homem*; *Corpo*; *Alma*; *Entendimento*; *Virtude*; *Vicio*; *Força.*

16. As palavras, que só servem a especialisar os Substantivos, chamão-se *Adjectivos*. Exemplos: *Grande*, *Honrado*, *Feliz.*

17. Tanto os Substantivos, como os Adjectivos, chamão-se *Nomes.*

18 Se os Substantivos denotão qualidades communs a muitos individuos, chamão-se *Appellativos*. Exemplos: *Animal*; *Ferro.*

19. Todos os outros se chamão *proprios*. Exemplos: *Pedro*, *Roma.*

20. As palavras, que se empregão para especialisar a significação de algum verbo, ou de algum Adjectivo; chamão-se *Adverbios.*

21. As que são unicamente destinadas a

estabelecerem a relação de differentes phrases, e tambem ás vezes as de differentes partes de huma mesma phrase entre si; chamão-se *Conjuncçoens.*

22. As que só se uzão para estabelecer a relação de algumas palavras de huma mesma phrase entre si; chamão-se *Preposiçoens.*

23. Aquellas, que, não significando nada, ou que alem da sua significação, exprimem só pelo tom com que se pronuncião, o sentimento da pessoa, que dellas se serve; chamão-se *Interjeiçoens.*

24. Se estas parecem suppor huma reposta, chamão-se *Interrogação*; senão, chamão-se *Exclamação.*

EXEMPLOS.

ã] L*am.* a] Demor*a.* à] Càro. â] Cân*o.* a°] *All*, *em Inglez.* ẽ] L*en*to. e] F*e*liz. è] Fèro. é] Péro. eu] P*eu*, *em Francez.* ĩ] Fim i] D*e*licioso. ì] Perdìdo. õ] B*om.* o] Ric*o*; P*o*seste. ò] Ròsa. ô] P*o*uca; M*o*rra. o] Ro^e^the, *em Allemão.* ou] P*ou*vre, *em Francez.* ũ] Alg*um.* u] Aguçar. ù] Agùdo.

i^u^] Prude, *em Francez.* ĩ^ũ^] Déf*un*t. u°] B*u*t, *em Inglez.* b] *B*ase. ch] J*ch*, *em Allemão.* ç] Garvanços, *em Hespanhol.* d] L*a*do. dj] G*i*allo, *em Italiano*; G*e*neral, em Inglez. dz] P*a*zzo, *em Italiano.* f] F*a*ce. g] F*i*go.

gh] *Ach*ter, em Hollandez; Ba*x*o, em Hespanhol. gn] Ga*nh*o. h] *H*idalgo, em Hespanhol; *H*aine, *em Francez.* ill] Va*ill*ant, *em Francez.* j] *J*e, *em Allemão.*

N. B. *Acha-se o* j *na Columna do i; porque a pronuncia daquella Consoante envolve esta vogal; e constitue a transição das consoantes para as vogues.*

j] Jarro; Gesso. k] Cabo; *Q*uer. l] *L*ado. ll] Ma*ll*ha. m] *M*ar. n] *N*ada. p] *P*asso.

N. B. *Acha-se o* p *na columna* do k, *porque apezar de não terem nenhuma affinidade de pronuncia, acontece que pela da escrita, muitas palavras que em sua origem se escrevião em* k *passarão a escrever-se com* p *(fallo das Linguas Grega e Latina) Exemplo* Lycos, Lupus &c. ph] *V*row, *em Hollandez.* r] Para. rr] Ba*rr*a. s] Esprit, *em Francez.* sh] Espada. ss] Ma*ss*a. t] *T*udo. th] Ba*th*, *em Inglez.* tx] Fa*cc*ia, *em Italiano. Ch*urch, *em Inglez.* tz] Zahn. V] *V*aso. x] *Ch*ave; Ca*x*a. *Sh*illing, *em Inglez.* z] *Z*elo. w] *W*e, *em Inglez*; Schwach, *em Allemão.*

N. B. *Acha-se* w *na mesma columna, que* Ch, Gh, e G; *porque muitas palavras, que no Dialecto Teutonico se escrevião com* w, *se escrevem no Latino com algumas daquellas gulturaes: Exemplos:* Willhelm = Guilherme; War = Guerra; Ware = Gare.

Do mesmo modo acontece que nos *ditos dois Dialectos* M *e* W *se convertem reciprocamente um no outro. Exemplos: Werth* = *Merito*; *With* = *Mit*. &c.

S. P. F.

ELOQUENCIA

Pratica de Alexandre de Gusmão, entrando na Academia Real de Historia Portugueza, em o dia 13 de Março de 1732.

COntra a sorte commum de todos os que entrão na carreira Litteraria, consigo a Corôa, antes de me haver legitimamente assignalado no Certame. A insigne honra de ser admittido ao vosso numero, que bastaria, depois de grandes producçoens, por unico premio aos varoens mais eruditos, me concede hoje a vossa benignidade, sem ter mais prova da minha sufficiencia, que a noticia de haver em mim huma summa veneração ás Letras, e hum desejo ardentissimo de vir a merecer nellas algum nome. Porém tanto teria de opportuna esta recomendação por me acceitardes discipulo vosso, quanto he inefficaz para alcançar o glorioso titulo de vosso Collega.

Em hum Congresso, por tantos principios illustre, ou se attenda á Magestade do Ins-

tituidor, ou á importancia do Instituto, ou ao merecimento dos que o compõe, parece que só devião ter lugar sujeitos da mais experimentada capacidade, de juizo clarissimo, de eloquencia e erudição mui conhecida. Taes homens se requerem para corresponder á esperança daquella mente sublime, que deu o ser a esta Academia, e lhe conserva o esplendor com influxos da sua soberana Protecção. Trata-se de escrever para a acceitação de hum Rei Sapientissimo, a cujo finissimo gosto, apurado ao crisol de hum continuo estudo, mal pódem agradar as obras, que não chegarem a tocar as raias da perfeição. Trata-se de dar cumprimento á magnifica idéa de hum Monarcha, que não contente de ter exaltado o seu Reino ao maior auge de gloria e de riqueza, em que se vio á muito tempo, não contente de haver resuscitado o respeito da Corôa da diminuição, que lhe tinhão causado as calamidades de mais de hum Seculo, para de todos os modos engrandecer o nome da Nação Portugueza, procura com a fundação deste Atheneo, resuscitar tambem as memorias da Patria da indigna escuridade, em que jazião até agora.

Quiz que vissem os seus vassallos em hum elegante painel dos successos de Portugal, quão formoso he o retrato da honra, quão amavel o semblante da virtude, para que, observando a esclarecida menção, que se

faz daquelles, que puzerão todo o cuidado em consegui-las, sintão accender no seu peito huma nobre inveja, e huma ambição insaciavel de imita-los, ou excede-los. Desta sorte abrio a sua paternal attenção aos vivos, e aos vindouros, a melhor escola, em que podião cultivar-se, bem ajuizando, que he a lição da Historia hum segundo seminario de heroes; e descobrindo á sua generosidade novo caminho para remunerar aos mortos os serviços, que fizerão á Monarchia, premiando-os com a eternidade da fama. Por meio desta Academia emprehendeu o seu religioso animo fazer patente ao mundo o muito, que obrou a antiga e exemplar devoção dos nossos Reis, em obsequio da Igreja, e augmento do Divino Culto; não tanto para que fique manifesta a vantajem, que nessa parte, como em muitas outras, leva aos seus predecessores, quanto para que se conheça que esta hereditaria piedade, foi, e ha de ser sempre, o mais prezado brazão de sua Augustissima Caza. Com o exercicio dos vossos escritos dispôz a sua Real ponderação aperfeiçoar, e avivar entre os seus subditos, o mais util de todos os estudos, que he o da composição das Historias, e esperamos ver-se tão bem logrado este fim, que possão os futuros Historiadores tratar dignamente o largo assumpto, que lhes daráõ para escrever as gloriosas acçoens do seu Reinado.

Sendo pois tão grande o projecto, e son-

do tão difficil de satisfazer a expectação do elevado espirito, que concebeu ¿ de que engenho, de que doutrina não devem abundar, os que se elevarém para pôr em execução aquelles heroicos pensamentos? ¿ Quanta capacidade se requer para saber entre a variedade de objectos, com que a penna ha de encontrar nesta composição, separar o proveitoso do superfluo, o pio do supersticioso, o agradavel do insipido, e o certo do duvidoso? ¿ E que arte, que pureza, e que graça de dizer he necessaria, para depois daquelle exame, acertar em escrever o que se escolheu, com methodo e estilo correspondente á excellencia da materia? ¿ Quão judiciosos convem que sejão os escriptores, para divulgar as glorias da Patria sem immodestia, e para confessar tambem os desacertos com sinceridade, quando o principal idolo da Historia, que he a verdade, pedir este sacrificio? ¿ Quão perfeitos, e consummados, finalmente devem ser os homens, que se buscão para concorrer neste trabalho, com a flor dos talentos de Portugal, que aqui vejo congregados, capazes e proporcionados para tão ardua e relevante empreza, e por isso dignos de collegas mui diversos do que eu me considero? Entre varoens eminentes em todas as faculdades, como se achão nesta Assemblea, notavel felicidade seria conseguir huma entrada para ouvir, e aprender; mas he perigoso empenho ter hum exercicio, que traz consigo a necessidade de escrever, e ser ouvido.

Convenho em que não he facil encontrar sujeitos revestidos das qualidades, que se requerem para responder ás obrigaçoens, que acabo de ponderar; porém bastantes tinha esta Corte, a quem só huma desordenada vaidade me poderia impedir que reconhecesse por mais merecedores da occupação, com que me authorisaes. Eu os vejo, Senhores, com admiração que me haja preferido a elles o vosso favor, e he natural que elles me vejão neste lugar com grande duvida, de que possão as minhas producçoens desempenhar o credito da vossa escolha. Esta justa desconfiança da propria capacidade, tem maior razão para augmentar-se em mim, á vista da porção, que determinaes ao meu estudo; destinando-me a escrever em Latim, tudo quanto pertence á Lusitania Sacra Ultramarina. Como o primeiro fim do que obrarão os Portuguezes em todos os seus descobrimentos, foi de arvorar os Estandartes de Christo, e de fazer venerar a sua Santa Lei, aonde quer que elles podessem penetrar com as suas peregrinaçoens, entendendo que a continua conexão, que daqui resulta entre a Historia Ecclesiastica e a Secular daquelles Paizes, me obrigará a envolver na obra, para que fique menos imperfeita, tudo o que aconteceu até ao presente nas conquistas e povoaçoens, que fizerão além do mar os nossos naturaes. O que supposto, vem a tocar-me por distribuição a mais famosa parte da Historia,

não digo de Portugal, senão do mundo todo, pois se póde affirmar sem exageração, que não só este Reino, nem outra qualquer Região do mundo, vio desde o seu principio assumpto mais digno de immortal memoria.

Em quanto os nossos Antepassados combaterão com os Romanos, rechaçarão as Mouros, e disputarão o campo ás Potencias vizinhas, muito fizerão á proporção do seu poder; mas não adquirirão maior fama da que havião grangeado, em semelhantes guerras, algumas outras Naçoens; porém quando o animo Portuguez, não cabendo nos estreitos limites, que possuia na Hespanha, sahio a buscar fóra della theatro mais amplo ao seu valor, então foi, que levantando o esforço á medida das emprezas, e enchendo com o coração a immensidade do terreno, pareceo exceder com as suas acçoens as balizas da humana possibilidade. Então se distinguirão os Portuguezes entre todos os habitantes da Europa; não invadindo, como outras Naçoens, Paizes mais cultos que os seus, e roubando a posse delles a quem justamente os governava, mas levando com zelo nunca visto a luz da Fé e das Leis a terras barbaras, e a gentes ferozes, que as não conhecião, ou as desprezavão. Para isto emprehenderão navegaçoens, que nem chegou a sonhar a extravagancia das mesmas fabulas, ou o furor dos mesmos Poetas; acometterão perigos, que a veneração de to-

dos os seculos, e o receio dos homens mais animosos, teve sempre por insuperaveis; e obrarão proezas, que escurecerão tudo quanto se tinha escrito dos mais famosos conquistadores.

E verdadeiramente ¿ que comparação tem com estas expediçoens as de Alexandre, o qual, se venceo huma parte do Oriente, conduzio, para executar os seus intentos, hum poderosissimo exercito? ¿ Que semelhança tem com as dos Romanos, que em conseguir o Senhorio da Italia, poserão mais de quinhentos annos, e com a multidão de tropas, que depois disso tinhão á seu mando, gastarão ainda assim mais de duzentos para debellar os Reinos circumvizinhos? ¿ Que igualdade tem por fim as dos Povos do Norte, que inundando a Europa com nuvens de insectos, não chegarão com tudo a firmar o seu poder, senão depois de muitos seculos de resistencia? Quanto maior motivo de admiração se offerece a quem advertir que os nossos Nacionaes com pequeno numero de gente, como póde conjecturar-se da extensão deste Reino, em menos de cem annos, plantarão a Fé, estabelecendo a admiração, e introduzindo o uso da sua lingoa, em muito maior espaço de terra, do que comprehendem juntas as conquistas dos Macedonios, dos Romanos, e dos Septentrionaes! E talvez que continuasse ainda agora este maravilhoso Imperio os seus pró-

gressos, em lugar das perdas, que padeceu, se os impenetraveis juizos do Altisimo não houvessem privado por muitos annos da Soberania delle aos Monarchas Portuguezes, que com tanta vigilancia attendem á conservação daquelles Padroens da gloria, como estamos vendo no poderoso soccorro, que despacha para a India a providencia do Sabio Principe, que nos governa.

Por modesta que seja a narração, que fizer de tão rapidas conquistas a nossa Historia ultramarina, hum de dous conceitos será forçoso que formem os leitores; ou que a prudencia e a equidade do Dominio Portuguez fez receber sem repugancia a sua Lei em todas aquellas Regioens, suprindo o respeito do nome a limitação das forças; ou que as façanhas dos Portuguezes não tem exemplo nas de outra Nação. E seria ingrato á nossa Patria o mundo, se deixasse de reconhecer que deveu á ousadia Portugueza o sahir da prisão, em que viveu tantos mil annos, atado ao breve circuito de poucas terras, e até a costear pequenos mares. Deve-lhe, o que foi estimado pelos antigos sabios principio de toda a Sabedoria, isto he, o conhecimento de si mesmo, pois que sem os Portuguezes, ainda hoje ignoraria o mundo a sua verdadeira figura; ainda caminharião ás cegas os Filosofos, Geografos, e Astronomos, perdendo as suas meditaçoens em systemas vãos, por falta das lu-

zes, que depois dos nossos descobrimentos alcançarão, para melhor atinar com a verdade no conhecimento desta Maquina do Universo. Tantos segredos da Natureza penetrados, tantos problemas de Sciencias resolutos, tantas noticias aprendidas dos ultimos confins da terra, e tantas Artes aperfeiçoadas, ou achadas de novo por accasião da quellas viagens; a quem o devem os Europeos mais que ás fadigas e intrepidez dos nossos Maiores, que para tudo lhes abrio caminho e alhanou as difficuldades? Forão os Portuguezes os que annunciarão ao Genero humano que elle era duas vezes maior do que cuidava; forão os que derão parte que se achava habitado quasi tudo o que elle suppunha inhabitavel; forão finalmente os que ensinárão aos outros Povos do Europa a estender a navegação, até onde o Oceano estendesse as suas agoas; a augmentar o commercio por meios mais abundantes dos que se havião nunca praticado, e a dilatar o Dominio por causas mais legitimas, com intento pio, e merecedor dos auspicios do Ceo.

Eis-aqui, Senhores, quão largo campo me põe diante dos olhos o emprego que me dais. Mas ¿ *quid dignum tanto feret hic promissor hiatu?* Permitta a Divina Bondade, que possa o meu trabalho converter a fertilidade delle em proveitosa seára, antes do que degenere em inuteis abrolhos, malogrado pela minha impericia.

Grande sem duvida, desigual aos meus hombros he o encargo, pela gravidade da materia; mas ¿ para minha reverencia não he mais de temer pelo Antecessor, que tive nelle; e quem entraria sem temor a occupar hum lugar, que tão conhecidamente enchia entre vós o Senhor Antonio Rodrigues da Costa? ¿ Hum Varão ornado de todo o genero de erudição, dotado de grande madureza, solidez, e perspicacia; critico mui judicioso, possuidor da mais pura Latinidade; versado nas Letras gregas, e conhecimento de outras muitas linguas? ? Hum Varão em fim, a quem havião affinado o engenho, e adquirido a veneração universal os seus muitos annos, assidua e venturosamente empregados em utilidade da Patria? Por mais que me desvaneça o favor de ver-me escolhido por vós, mui louca presumpção seria a minha, se imaginasse poder substituir dignamente a falta de hum tal collega, de quem vos será sempre saudosa a lembrança, e mui difficilmente reparavel a perda. Quando me não inspirassem este sentimento as obras, que deixou mais completas, bastaria a lição de hum breve fragmento da Historia ultramarina, que delle vemos no I. tomo das Conferencias Academicas, para que perca a esperança de compor nunca cousa, que mereça a vossa approvação, á vista do que vos promettia aquelle elegantissimo Exordio.

Todas estas consideraçoens me trazem des-

maiado á vossa presença, reparando na pobresa do meu talento, e no muito a que me empenha a confiança, que vos dignasteis mostrar delle. Parece-me que, aggregado a hum corpo tão conspicuo, venho a fazer nelle o mesmo effeito, que fazem no diamante as fachas, e as manchas no Sol; e temo que não sirva a sublimidade do lugar, se não para deixar mais expostos á censura os meus defeitos. Se para mostrar a estimação devida ao beneficio, que de vós recebi, bastasse hum fidelissimo reconhecimento, este será tão inalteravel no meu conceito, quanto he sincera a confissão de não o haver merecido. Assim podessem as obras igualar a fineza do agradecimento! Mas a memoria sempre viva da benevolencia, com que me distinguis; o pejo de que haja de desmentir-se, e macular-se em mim, o costumado acerto das vossas eleiçoens; a communicação da vossa doutrina, o estimulo do vosso exemplo, e o deleite, que se sente nos estudos, quando com elles se póde fazer obsequio a hum Rei, que tanto nos anima, e a huma Patria que tanto nos honra, serão continuos despertadores á minha applicação, e daráõ azas ao meu rasteiro entendimento, para que procure elevar-se de sorte, que possa em alguma parte corresponder á vossa expectação.

Memoria Historica e Geographica da descoberta das Minas, Extrahida de Manuscritos de Claudio Manoel da Costa, Secretario do Governo daquella Capitania, que consultou muitos Documentos authenticos, existentes na Secretaria do Governo, e em outros Archivos.

OS naturaes da Cidade de S. Paulo, que tem merecido a hum grande numero de Geographos, antigos e modernos, a reputação de homens sem sujeição ao seu Soberano, e de faltos do conhecimento e respeito, que se deve prestar ás Suas Leys (1), são os que nesta America tem dado ao mundo as maiores provas de obediencia, fidelidade, e zelo, pelo seu Rey, e pela sua patria. A vigilancia, com que attendião pela armonia, e utilidade do seu paiz, os aconselhou, muito antes que a todo o Portugal, á fazer sahir das suas terras os Padres denominados da Companhia de Jezus (2); por sediciosos os poserão elles em hum total exterminio em o mez de Julho de 1640. E por effeito de huma caridade indiscreta de Fernão Dias Páes, forão depois resti-

(1) Lambert. Hist. Univ. t. 14. pg. 5. 53 e seg., Interesse das Naç. t. I. pg. 4., 102, Vaiscte Geogr. pg. 216., &c.

(2) Vaisete pg. 217.

tuidos a S. Paulo em o anno de 1653, contra o voto commum.

Trabalharão incessantemente por augmentar os interesses da Fazenda Real, e se glorião de que fossem os Paulistas Carlos Pedrozo da Silveira, e Bartholomeu Boeno de Serqueira, os primeiros, que appresentassem as amostras do ouro das Minas Geraes, ao Governador do Rio de Janeiro Antonio de Sande, pelos annos de 1695.

Fallecendo o dito Sande, ficou com o Governo Sebastião de Castro Caldas, o qual remetteo a ElRey D. Pedro as amostras daquelle ouro, com carta datada no Rio de Janeiro, em 16 de Junho do mesmo anno de 1695.

Por este tempo foi S. M. servido despachar a Artur de Sá e Menezes por Governador e Capitão General do Rio de Janeiro; e por Carta Regia de 16 de Dezembro de 1696, lhe ordenou passasse aos descobrimentos das Minas do Sul, a executar o que se havia encarregado á Antonio Paes de Sande, praticando com os Paulistas benemeritos as mesmas honras, mercês de Habitos, e Foros de Fidalgos, conteudos na Real instrucção, que pela Secretaria de Estado se expedira ao dito Sande.

Buscando porém as cousas na sua origem, he certo que não póde averiguar-se qual fosse indubitavelmente o primeiro Paulista, que descobrio as Minas Geraes. He sem controver-

sia, que o primeiro objecto dos conquistadores de S. Paulo foi o captiveiro dos Indios, que elles substituião á falta dos escravos, que depois entrarão em grande copia das Costas de Africa (3). Desde o estabelecimento daquella povoação em 1554, dia da conversão de S. Paulo, donde deriva o nome, se deve presumir que giravão muitos dos conquistadores pelo centro do sertão, e atravessavão as Minas; sahindo em bandeiras, que assim chamavão as companhias, que para esta diligencia se armavão, e recolherdo-se depois com a preza, que facilmente podião segurar (4).

Dos sertoens penetrados era o mais notavel o da Casa da Casca, nome que se deo a huma Aldêa sobre as margens do Rio-doce, que desagoa na Capitania do Espirito Santo, e começa a formar-se no corrego do ouro preto, recebendo depois em si immensos ribeiros, e rios caudalosos. Destes Sertoens se recolhia na era de 1693 Antonio Rodrigues Arzão,

---

(3) A beneficio da liberdade se publicarão as providentissimas Leys de 30 de Julho de 1609, 10 de Setembro de 1611, e a novissima de 6 de Junho de 1755, a qual abolio e derogou toda a restricção, que havia ácerça dos quatro cazos, em que era licito o cativeiro dos Indios.

(4) Secr. do Cons. Ultramar. L. 1673 das cart. do Rio de Jan. f. 160—163.

natural da villa de Taboaté; com mais 50 homens da sua comitiva; e chegado que foi á Capitania do Espirito Santo, apresentou ao Capitão Mór Regente daquella Villa tres oitavas de ouro. A camara as recebeo com agrado, e lhe subministrou os viveres e vestiarias de que carecião, segundo as ordens que de ElRey tinha. Deste ouro se mandarão fazer duas memorias, huma que ficou ao dito Arzão, e outra que tomou para si o Capitão Mór.

A denunciação desta limitada porção foi, segundo a maior probabilidade, a primeira que se fez do ouro descoberto nas Minas Geraes; e a de Carlos Pedrozo da Silveira, de que se conserva memoria em S. Paulo, com rasão se suppoem posterior a ella.

Antonio Rodrigues Arzão não podendo ajuntar na Villa do Espirito Santo a gente, de que precisava, para segunda vez penetrar pelos sertoens, se passou ao Rio de Janeiro, e dahi para S. Paulo. Nesta Cidade, ferido gravemente dos trabalhos que passara, enfermou, e veio finalmente a morrer, deixando encarregado a Bartholomeo Boeno, seu cunhado, de continuar o descobrimento, de que havia apresentado mostras.

Era Bartholomeo Boeno dotado de bastante agilidade, e fortaleza de espirito; e como tinha perdido em jogos todo o seu cabedal, foi facil querer melhorar de fortuna, tomando sobre si com os filhos de alguns paren-

tes e amigos, a grande empreza á que havia dado principio Antonio Rodrigues Arzão. Guiados pelo roteiro, que lhes deixara o falleeido, sahirão da Villa de S. Paulo pelo anno de 1697. Romperão os matos, e servindo-lhes de norte os picos, e cabeços de algumas serras, que erão os faróes na penetração dos densissimos bosques, vierão finalmente estes generosos aventureiros a sahir sobre a Itaverava, serro que de Villa rica dista pouco mais de 8 legoas. Ahi plantarão meio alqueire de milho, e porque este sertão era mais esteril de caça, que o do rio das velhas, para este ultimo passou Bartholomeu Boeno a tropa, em quanto madurecia a pequena sementeira, de que esperava manter-se para continuar o descobrimento. No anno seguinte, que foi o de 1698, voltarão os referidos sertanejos a colher a sua plantação, e entrando na sua Itaverava, forão encontrados pelo Coronel Salvador Fernandes Furtado, pelo Capitão Mór Manoel Garcia Velho, e por outros, conquistadores tambem do gentio, e povoadores das Villas, que ficão a E. de S. Paulo. Já a este tempo os primeiros sertanejos trabalhavão com algum desembaraço, ajudados de hum grande numero de Indios, que havião captivado nos sertoens do Caeté, e Rio-doce, mas como lhes obstava a falta de experiencia e pericia necessaria, e não tinhão instrumentos de ferro para a labutação, contentavão-se com o pouco, que apenas podião apurar em

pequenos pratos de páo ou de estanho, servindo-lhes páos aguçados de cavar a terra, e de descobrir os pequenos cascalhos, ou formaçoens, em que se conserva, e cria o ouro. Quiz Miguel de Almeida, hum dos companheiros de Bueno, melhorar de armas, e propoz ao Coronel Furtado a troca de huma clavina, dando-lhe em retorno todo o ouro, que se achase nos da comitiva. Acceitou o Coronel a offerta, e dando-se busca, não se achou entre todos mais que doze oitavas de ouro. Recebeu-as o Coronel; e como Manoel Garcia Velho quizesse ter a vaidade de apparecer com todo aquelle ouro em S. Paulo, cometteu ao Coronel a venda de duas Indias Mãi e Filha por preço das doze oitavas. Conveio este no trato, e comprou as Indias; e despedidos os sertanejos huns dos outros, partio ufano para S. Paulo o Capitão Mór Manoel Garcia Velho. Entrando este na Villa de Taboaté, ahi o foi visitar Carlos Pedroso da Silveira, e porque lhe não faltava manha e engenho para se conciliar com os patricios, houve a si as doze oitavas de ouro: com ellas se passou ao Rio de Janeiro e apresentando-as ao Governador Sande, foi premiado com a patente de Capitão Mór de Taboaté. Conseguintemente o nomeou o mesmo Governador por Provedor dos quintos, concedendo-lhe a authoridade necessaria para estabelecer fundição na mesma Villa, por ser ella a povoação, onde desemboca-

vão primeiro os conquistadores. Por este modo se vê que, posto que o Arzão denunciasse primeiro que o Silveira o ouro das Minas Geraes, a sua morte impedio o progresso desta denunciação, e conseguio o Silveira a gloria de apresentar o ouro, que não descobrira. A denunciação feita pela interposta pessoa de Carlos Pedroso da Silveira, e o estabelecimento da Casa de fundição em Taboaté, foráo os dous fortes estimulos, que animarão aos Paulistas a armar tropas, prevenir-se de alguma fabrica mais proporcionada ao uso de minerar e a desamparar a patria, rompendo os matos geraes da grande serra do Lobo, que divide a Capitania de S. Paulo, até penetrarem no mais recondito das Minas, menos já na conquista do gentio, que na deligencia do ouro.

O grande numero de concorrentes, que buscavão as Minas, e a emulação, que logo se accendeu entre os da Villa de S. Paulo, e os naturaes de Taboaté, fez que derramados por varias partes, buscassem cada hum novo descobrimento em que se estabelecesse; não se contentando os Paulistas de entrarem em parte nas repartiçoens, que denunciavão os de Taboaté, nem estes nas que denunciavão os Paulistas. Esta opposição, que tinha hum semblante de fanatismo, por serem todos da mesma patria, posto que de differentes districtos, veio finalmente a produzir a grande utilidade de se desentranharem cabalmente as Minas do ouro,

não se perdoando ao rio mais remoto ou caudaloso, nem á serra mais intratavel e aspera, se bem que o conhecimento do ouro nas montanhas e serras veio mais tarde que o dos rios, e de seus taboleiros, que são as margens planas que os bordão. Como porem seria summamente extensa huma relação individual de todos os nomes da multiplicidade dos que se glorião de descobridores, bem como dos rios, corregos, e serras, que por sua ordem se forão descobrindo; ainda que de tudo isto tenhamos huma veridica e sufficiente informação, contentar-nos-hemos de fazer ver ao leitor pelas datas dos tempos, quaes forão aquelles, que derão ao manifesto as mais ricas *faisqueiras*, em que hoje se achão creadas as Villas do Ouro preto, do Sabará, e a Cidade de Marianna; as Villas do Caeté, de S. João d'El-Rei, do Principe no Serro Frio, que fazem as cabeças das quatro Comarcas da Capitania de Minas Geraes.

Villa do Carmo, hoje Cidade de Marianna.

MAnoel Garcia, natural de Taboaté, foi o primeiro, que deu ao manifesto hum corrego, que faz barra no ribeirão do Campo, e he comprehendido no districto da Cidade de Marianna. Fez a repartição o Guarda Mór Garcia Rodrigues Velho, com assistencia do Escrivão

das datas Salvador Fernandes Furtado. João Lôpes de Lima, natural de S. Paulo, descobrio pelo mesmo tempo o ribeirão chamado do Carmo, e o manifestou em 1700. Repartio-se; e porque as suas faisqueiras erão impraticaveis pela grande frialdade das agoas, despenhadeiros, e densissimos matos, que o bordavão, o que não permittia que se trabalhasse dentro delle mais de quatro horas por dia; além da grande penuria de mantimentos, que chegou o alqueire de milho a valer 30 e 40 oitavas, e 80 o de feijão, foi facil desamparárem os mineiros por algum tempo a sua povoação, e só permaneceu nella o Coronel Salvador Fernandes Furtado. Dista este ribeirão da barra do Rio doce 16 a 18 legoas, e pela volta do rio se computão 30. Está situado em 20° 21′ de latitude S. Foi creado em Villa em 8 de Abril de 1711, pelo Governador Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho.

Ouro-preto, ou Villa rica.

O Ouro-preto, que comprehende em si varios ribeiros, e morros de differentes denominaçoens, como são Passa-dez, Bom-successo, Ouro-fino, ou Boeno, &c. teve por descobridores nos mesmos annos de 1699, 1700, 1701, a Antonio Dias, natural de Taboaté, ao Padre João de Faria Fialho, natural da Ilha de S. Sebastião, que viera por Capellão das tro-

pas de Taboaté, a Thomaz Lopes de Camargo, que se estabeleceo nas lavras, que depois vierão a ser de Pascoal da Silva, e a Francisco Boeno da Silva, ambos Paulistas. Destes tomarão nome alguns bairros de Villa Rica. Foi erecta em Villa pelo Governador Albuquerque em 8 de Julho de 1711. Está situada em 20° 24'

Sabará.

O Dilatadissimo sertão de Sabará Bussú foi penetrado muito antes de qualquer das Minas, por quanto os primeiros conquistadores demandavão o Rio das Velhas, cujas extensas campinas erão mais povoadas de gentio, e ferteis de caça; e as primeiras deligencias do ouro e pedrarias se fizerão ao N. de S. Paulo. Consta que o seu descobridor, ou denunciante de suas faisqueiras, fora o Tenente General Manoel de Borba Gato, natural de S. Paulo, no anno de 1700. Por inacção do Governador Antonio de Albuquerque, assistio á repartição o Governador Artur de Sá e Menezes. Passou a Villa em 17 de Julho de 1711. A sua situação he em 14° 25''

Caeté, Villa da Rainha.

ENtre o Sabará e o arraial S. Barbara se creou a Villa-nova da Rainha, conhecida ainda

pelo nome Brazilico de *Caeté*, que vale o mesmo que mato bravo sem mistura alguma de campo. Foi descobrimento do Sargento Mór Leonardo Nardes, Paulista, e de huns fulanos Guerras, naturaes da Villa de Santos. O Governador D. Braz da Silveira lhe deo o foral de Villa em 29 de Janeiro de 1714, em virtude da faculdade concedida ao seu antecessor Antonio de Albuquerque. Está situada em 19° 55'

Serro Frio, Villa do Principe.

ANtonio Soares, natural de S. Paulo, avançando maior salto que todos os outros, atravessou os sertoens ao N. de S. Paulo, e descobrio o grande serro chamado *do Frio*, que na lingua gentilica era tratado por Hyvituruy, por ser combatido de frigidissimos ventos, todo penhasccso e intratavel. Do seu descobridor se conserva o nome em huma das suas serras, que hoje se conhece pelo morro de Antonio Soares. Neste descobrimento se associou hum Antonio Rodrigues Arzão, descendente do primeiro Arzão, de quem já demos noticia. As grandes preciosidades deste continente em ouro, diamantes, e pedrarias de todo o genero, são bem conhecidas por toda a Europa. Nelle se estabeleceo o Real contrato dos diamantes, que tem devido aos Senhores Reis de Portugal a maior vigilancia e zelo, especial-

mente ao Senhor D. Pedro II. de saudosa memoria, que beneficiou, e honrou com muitos privilegios e regalias aos que se empregassem neste exercicio; encarregando aos Governadores do Estado do Brazil D. Francisco de Souza, e Salvador Corrêa de Sá, de promoverem por todos os modos os descobrimentos do ouro, pedrarias, e mais haveres, que promettia o largo Continente do Brazil, os quaes se esmerarão muito na sua commissão. A Capital denominada Villa do Principe foi creada por D. Braz da Silveira em 29 de Janeiro de 1714. Está situada em 14°. 17'

Rio das Mortes — Villas de S. João, e de S. José.

O Rio das Mortes, que os Paulistas e viandantes das mais partes atravessavão frequentemente nos primeiros tempos, por distar do Ouro-preto pouco mais de 5 dias de jornada ordinaria, foi descoberto por Thomé Portes de ElRey, natural de Taboaté, muitos annos depois do descobrimento das primeiras povoaçoens. Ahi se creou a Villa de S. João d'ElRey, ficando-lhe a E. a de S. José no lugar chamado a Ponta-do-morro, que foi descobrimento de João de Serqueira Affonço, natural de Taboaté. Forão creadas estas Villas pelo Governador D. Pedro de Almeida, em 19 de Janeiro de 1718. S. João está em 21°. 20', e S. José em 21°. 25',

Além destes tão assignalados serviços, em que se vê a grande parte, que tiverão os Paulistas, o achado das esmeraldas he hum facto de muita consequencia para que o passemos em silencio.

Em 27 de Setembro de 1664 commetteo o Senhor Rei D. Affonso VI., a Agostinho Barbalho a empreza do descobrimento das esmeraldas, facilitando-lhe o fim deste negocio com huma carta, que escreveo o mesmo Senhor á Fernão Dias Paes, cujo zelo e capacidade já erão bem conhecidos na Corte; em que lhe ordenava que prestasse todo o soccorro necessario para a conclusão deste particular. Esta carta fez tanta impressão no espirito generoso de Fernão Dias, como se póde colligir da presteza, com que satisfez ás primeiras ordens, que nella se continhão.

Depois de passados alguns annos, tempo em que já estava no Throno o Senhor D. Pedro II.; sabendo Fernão Dias que com a morte de Agostinho Barbalho não tiverão effeito as ordens que trouxera, se quiz encarregar voluntariamente da execução dellas; escrevendo primeiro a Affonso Furtado de Mendonça, Governador, que era então daquelles Estados, e tinha a sua residencia na Bahia, e offerecendo-se-lhe para este fim com a sua pessoa, e com todos os seus bens. Mandou-lhe Affonso Furtado huma patente de primeiro chefe daquella empreza aos 30 de Abril de 1672, e nos principios de 1673 se pôz

Fernão Dias em marcha com varios parentes e amigos, demandando o sitio, em que Marcos de Azeredo fazia certo o descobrimento das esmeraldas; e sofrendo trabalhos e perigos infinitos, chegou á paragem chamada pelos naturaes *Anbonhecanhuva*, que quer dizer *agoa que se some*, e entre nós tem o nome de *sumidouro*. Aqui se deteve Fernão por espaço de quatro annos com pouca differença, e fez varias entradas no Sabará Bussû, que vale o mesmo que cousa felpuda, e he huma serra de altura desmarcada, que está visinha ao sumidouro, á qual chamão todos hoje comarca do Sabará. Nella achou diversas qualidades de pedras, que por falta de pessoa entendida nestas materias se lhes não sabia dar o valor, de que talvez erão dignas.

Da sua demora e soffrimentos nasceo a discordia entre muitos dos seus companheiros, que quasi todos conspirarão contra a sua vida, e por ultimo o deixarão só. Neste desamparo Fernão Dias não esmorece, antes cuida em apressar a sua derrota, com animo de se dirigir em direitura a *Hepabussú*, ou *Vepabussú*, que equivale a *Lago-grande*, e junto deste se suppunhão os socavoens das esmeraldas. Falto porém do necessario para continuar a sua expedição, escreve a sua mulher, e lhe ordena se lhe não recuse cousa alguma do que pede. Com effeito chegou o Postilhão, e trouxe comsigo o que Fernão pedia. Pozes

rão-se logo a caminho, e forão discorrendo por huma dilatada montanha, até que chegarão á *Tocumbira*, que quer dizer *papo de Tocano*; e deixando todo este passo avassallado, partirão para Itamirindiba, que propriamente significa *pedra pequenina e boliçosa*, e he hum rio muito fertil de peixe. Aqui pararão por algum tempo, e se prevenirão contra qualquer invasão do gentio; e ultimamente seguindo o rumo do N., depois de atravessarem grande parte dos incultos sertoens, chegarão a ver as agoas do Vepabussú. Aqui cuidou logo Fernão em expedir cem *bastardos* (especie de tropa ligeira) dos que trazia, a fim de explorarem o terreno, e ver se achavão alguma lingoa, que os informasse melhor do que buscavão. Não se frustrou esta diligencia; porque vendo os bastardos sobre o cume de huma montanha muita gente daquella, que podia dar noticia das pedras pertendidas, investirão com ella, e apenas segurarão hum, que sendo conduzido á presença de Fernão, mandou este que com toda a humanidade fosse tratado entre os seus. Era este hum moço robusto, e de animo seguro, e sendo inquirido, descobrio com effeito os socavoens de Marcos de Azeredo, junto a hum morro, que corre de N. ao S.

Sete annos trabalhou Fernão nesta empreza, rompendo muitas vezes com os seus, que o aconselhavão se retirasse para Itamirindiba, e

aguardasse por tempo mais oportuno para a conclusão do descobrimento; certificando-o de que os matos circumvisinhos a Vepabussú exalavão hum halito pestilento e mortifero. Finalmente mandou enforcar á vista de todos os seus soldados hum filho bastardo, que muito estimava, por lhe constar que conspirava contra a sua vida. Chegou com effeito a ver o que tanto desejava; porém fazendo-se na volta de S. Paulo, donde era natural, não quiz o Ceo que elle tivesse a gloria de apresentar ao seu Soberano o testemunho do seu zelo. Morreu junto ao Guaycuhy, que entre nós vale o mesmo que Rio das velhas.

Serie dos Governadores.

OS primeiros Governadores residião no Rio de Janeiro; e tinhão annexa a Capitania de S Paulo ou S. Vicente, que comprehendia as Minas já descobertas, e as que para o futuro se descobrissem, como consta do Regimento de Valhadolid de 15 de Agosto de 1603, e Alvará de 8 de Agosto de 1618. Porém tomando a serie do primeiro, que entrou nas Minas (deixando alguns Governos interinos de ordem de El-Rei, ou sem ella), o primeiro destes que governarão esta Capitania separada ou collectivamente com as de S. Paulo e Rio de Janeiro, foi D. Rodrigo de Souza.

Falecendo Fernão Dias Paes, quando se

recolhia a enviar a El-Rei as mostras das esmeraldas, deixou a seu genro Manoel de Borba Gato, morador no Rio das Velhas, a polvora, chumbo, petrechos e ferramentas dasua labutação, para voltar ás Minas logo que recebesse as Reaes ordens. Pelos annos de 1688 sahia D. Rodrigo accompanhado de alguns Paulistas, como forão Matheus Cardozo, Domingos do Prado, João Saraiva de Moraes, e varios outros, que tinhão pratica dos sertoens das Minas; e avezinhando-se ao Borba, no intento de passar aos socavoens das esmeraldas, lhe mandou pedir o soccorro que precisava de polvora, chumbo, e ferramentas. Repugnou o Borba, sob pretexto da espera, em que estava de seu sogro Dias; e querendo os que accompanhavão o Fidalgo hir violentamente despojar o Borba do que pedião, calmou D. Rodrigo este primeiro impeto, tomando sobre si a conclusão do negocio por meios mais arrasoados.

Desordenou a imprudencia de hum ameaço toda a felicidade do empenho; e ainda que sem mandado expresso do Borba, foi então morto D. Rodrigo por huns pagens ou bastardos, que vivião aggregados ao Borba; o qual se salvou engenhosamente, affectando a repentina chegada de Fernão Dias. Poserão-se logo em fugida os Paulistas da comitiva de D. Rodrigo, e forão elles os primeiros, que se entranharão pelo Rio de S. Francisco, povoarão, e encherão de gado as suas margens,

de que hoje se sustentão as Minas Geraes; nem mais quizerão voltar para a patria, envergonhados do engano, em que havião cahido. O Borba temoroso das justiças, e que sobre a sua prizão fizesse El-Rey as maiores diligencias, metteo-se ao sertão do Rio-doce com alguns Indios domesticos da sua comitiva, e ahi viveo varios annos respeitado por Cacique, do modo que o permittia hum tal estado. Com tudo os remorsos o obrigarão a mandar dous Indios praticos a S. Paulo, para se informarem dos seus parentes sobre o estado do seo crime. Estes lhe facilitarão o accesso ao Governador Artur de Sá e Menezes, recentemente chegado áquella Capitania; o qual lhe fallou com affabilidade, e lhe prometteo o perdão em nome d'El-Rey, com tanto que elle fizesse certo o descobrimento do Rio das Velhas.

Bem se póde considerar o estado em que se achavão as Minas por este tempo, em que o despotismo, e a liberdade dos facinorosos punhão, e revogavão as Leis a seu arbitrio. O interesse regía as acçoens, e só se cuidava em amontoar riquezas, sem se attender á innocencia dos meios. A soberba, a lascivia, a ambição, e o atrevimento tinhão chegado ao ultimo ponto.

Aprestado o Borba, e soccorrido de muitos parentes e amigos, accompanhou a Artur de Sá, e chegando ao Rio das Velhas, deo ao manifesto este descobrimento; fazendo-se digno

pela riqueza de suas faisqueiras, de que o Governador o premiasse com a patente de Tenente General de huma das Praças do Rio de Janeiro.

Pouco tempo se demorou Artur de Sá no Rio das Velhas, lavrando o mais facil daquelles ribeiros; e se retirou outra vez para S. Paulo, substituindo huma especie de jurisdicção no civel e crime, ao Guarda Mór das repartiçoens das terras e datas mineraes Domingos da Silva Boeno, creado pelo mesmo Governador.

Com a ausencia de Artur de Sá tornarão as Minas á primeira desordem. As distancias das quatro Comarcas já penetradas, e cheias de grande numero de povoadores de differentes Capitanias, difficultavão as providencias de hum só homem, em quem ainda não acabavão de reconhecer os povos a jurisdicção, de que estava munido.

Por este tempo se começarão a suscitar os odios entre os filhos de S. Paulo, e os naturaes de Portugal, que elles denominavão *Bumbas*. Dous Frades, cujos nomes e Religioens se calão por evitar o escandalo, fomentarão o calor desta desunião. Vivião elles na liberdade, que permittia o paiz, e a impulsos de huma desordenada ambição, atravessarão com tres arrobas de ouro, fumo, e cachaça, para venderem estes generos monopolisados pelo mais alto preço. Não parando aqui, pertenderão estender o monopolio ás carnes; e encontrando opposição nos Paulistas, resolve-

rão acabar com elles, expellindo-os de huma vez das Minas, que havião conquistado, e em que se achavão estabelecidos com as suas familias e fabricas. Hum destes Religiosos aconselhou que se fingissem ordens Regias, por meio das quaes, pretestando o interesse commum, se recolhessem todas as armas dos Paulistas a hum armazem publico, tratando-se de rebelde o que recusasse obedecer. Tomadas assim as armas, forão prezos os Paulistas mais poderosos, e de quem mais se temião; Domingos da Silva Rodrigues, e Bartholomeu Boeno Feijó. Com as prisoens destes se intimidarão os outros, accrescendo para os aterrar a noticia, que em breve circulou, ou falsa, ou verdadeira, de hum massacro, que lhes estava preparado para certo dia. Em consequencia fugirão a maior parte dos Paulistas; e ainda hoje conserva o nome de *Capão da Traição* hum sitio junto ao Rio das Mortes, aonde hum troço destes desgraçados, que procurava a sua patria, conduzido por Gabriel de Góes, sendo sorprendido por Bento do Almaral Coutinho, e deixando-se persuadir das rasoens deste malvado, acompanhadas do mais tremendo juramento; porque erão isentos da vil perfidia, os Paulistas entregarão as armas, e para logo forão todos assassinados, e roubados por Amaral, e seus sequazes.

Havião os rebelados revestido com o caracter de Governador a Manoel Nunes Vian-

na, homem ambicioso, e que ardia por governar; com tudo deve-se confessar que entre todos os levantados daquelle tempo era elle o de melhor indole. Não consta que comettesse positivamente acção alguma damnosa ao proximo: desejava reger com equidade o desordenado corpo, que se lhe ajuntara; acolhia com afabilidade a huns e a outros; soccorria-os com seus cabedaes; apaziguava-os; compunha-os, e os serenava com bastante prudencia. Fizerão elles conselho, e determinou-se, que por 8 ou 9 annos disfrutassem as Minas, não consentindo Governadores, nem justiças nellas, e sustentando-se como em Republica a seu arbitrio; e que depois, se não alcançassem perdão d'El-Rey, facilmente se passarião para as Indias de Hespanha. Nisto votarão com mais efficacia os desertores da Praça da Colonia, de que havia hum grande numero habitando nas Minas, e cujo principal Chefe era Antonio Francisco, que o Vianna havia nomeado Mestre de Campo, logo que se arrogou o Governo.

Succedendo huns a outros factos, e a discordia estando já no seu auge, tomarão-se as armas de parte a parte; e os Paulistas commandados por Amador Bueno, e desafiados por carta de Ambrozio Caldeira Brano, que mandava os rebellados, investirão a Fortaleza, que estes havião erigido, fronteira á Villa de S. João d'El-Rey. Durou o attaque

quatro dias, e quatro noites, ficando dos rebelados 80 mortos, e muitos feridos. Os Paulistas não tiverão mais de 8 mortos, e muito poucos forão os feridos; mas, não obstante, os sitiados ficarão vencedores. Desta sorte conseguirão os Europeos a expulsão e despejo dos Paulistas pelos annos de 1709, e 1710. Em 22 de Agosto de 1709 tinhão-se os Paulistas obrigado, por hum termo lavrado na Camara de S. Paulo, a marcharem com o seo Exercito, sómente para o fim de segurarem o Real Quinto nas Minas, e sometterem á paz e obediencia os vassallos de Portugal, que nellas se achavão postos em rebeldia; e em todo este tempo derão evidentes provas de que nem a vingança, nem a rebellião dirigião as suas acçoens; deixando passar livremente os Portuguezes, que hião de volta para o Rio de Janeiro: e até punindo severamente aquelles, que pertendião roubar, ou insultar os filhos de Portugal.

Atormentavão os ouvidos de D. Fernando Martins Mascarenhas os tumultos e desordem, em que estavão as Minas; e querendo este, que foi o terceiro Governador, hir pessoalmente socega-las, marchou para ellas do Rio de Janeiro em 1710. Chegou ao Rio das Mortes com o intento de passar ao Ouro preto, aonde residião principalmente os chefes dos levantados. Não consentio no obsequio de alguns Paulistas e Filhos de Portugal mais bem intencionados, que pertendião accompanha-lo,

por evitar assim maior ruido entre os sublevados; porém não cessarão aquelles de espalhar que D. Fernando trazia cargas de correntes, e outros aparelhos para punir os complices da conspiração contra os Paulistas.

Derramada esta voz pelas Geraes, se dispoz Manoel Nunes Vianna para tomar-lhe o passo; armando em tom de politica e cortejo, hum grande numero de homens de a cavallo, e distribuindo ordens por todos os districtos circumvizinhos ao Ouro preto, para que os moradores se apromptassem para huma diligencia, sob pena de morte. Chegava D. Fernando ao Arraial das Congonhas, quando os que accompanhavão o Vianna, avistando de longe o Governador, clamarão = Viva o nosso Governador Manoel Nunes, e morra D. Fernando, se não quizer voltar para o Rio de Janeiro. = Querem alguns que Vianna entrasse violento nesta acção; mas he certo que elle pertendeo escusar-se do conceito de rebelde e sublevado, passando occultamente na noite seguinte a fallar com D. Fernando; e protestando-lhe estar prompto para entregar o Governo quanto a sua parte; de tudo lhe pedio huma attestação. Porém apezar disto o Governador assustado com a inesperada saudação dos rebeldes, pedio 8 dias para se retirar, os quaes lhe forão concedidos; e assim mesmo se não aproveitou do beneficio, porque sem muita demora deo as costas ás Minas, e vol-

tou para S. Paulo. Ahi trabalhava com ancia em se reforçar com os Paulistas para vir sobre os levantados, fazendo a afronta commua; e meditando para o seu despique puxar tropas do Rio e Bahia, e juntos atacarem ao mesmo tempo, e por toda a parte as Minas.

Chegou ao Rio de Janeiro a Frota de Portugal, e nella veio render a D. Fernando, o Governador e Capitão General Antonio de Albuquerque. Sem perda de tempo se poz este em marcha para as Minas; e levando a resolução de entrar nellas disfarçado, buscou o arraial do Cacté, afim de ter huma entrevista com hum Sebastião Pereira de Aguilar, filho da Bahia, homem rico e poderoso, de conhecido valor e espirito, e que tinha então tomado sobre si atacar o Vianna, e a todos os seus pareiaes, pelas injustiças e violencias, que praticavão, especialmente com os filhos do Brazil de qualquer Provincia, a quem se havia estendido o odio, conciliado contra os Paulistas. Consta que o dito Aguilar escrevera a S. Paulo ao Governador Mascarenhas, offerecendo-se-lhe para segurar o Governo, com o poder de muitas armas, e gentes, que tinha adquirido. Talvez foi este o motivo que obrigou ao Albuqueque a fazer a sua entrada por aquelle districto. Na passagem, que fez o Albuquerque pelos levantados, foi conhecido por Antonio Francisco, o Capitão José de Souza, que vinha na sua guarda; de cuja Com-

panhia fora soldado na Praça da Colonia o mesmo Antonio Francisco. Comprimentarão-se sem receio, e o Capitão lhe deo a noticia de haver já entrado nas Minas o Governador; persuadindo-o ao mesmo tempo com fortes razoens, de que o buscassem, e se lançassem a seus pés os chefes dos conjurados, se querião melhorar o semblante da sua causa.

A perturbação, em que se via o Governador Vianna, combatido já pela avultada parcialidade de Sebastião Pereira, já pelo susto do tremendo castigo, que vinha de insinuar o Capitão José de Souza, o obrigou, bem como a Antonio Francisco, e a muitos outros cabeças dos levantados a partirem sem demora para o Caeté. Ahi se achava o Governador, hospedado em casa de huns tres irmaons Mirandas Pereiras, talvez parentes ou amigos de Sebastião Pereira de Aguilar. Prostrarão-se os rebeldes aos pés de Albuquerque, desculpando os seus crimes do modo possivel: este os recebeo affavelmente; e não querendo usar do poder, de que vinha munido, segurou a todos o perdão, pela emenda, que dessem a conhecer para o futuro; capacitando ao Vianna, e a Antonio Francisco de que não convinha a sua assistencia nas Minas, a fim de melhor calmar o tumulto do povo. Retirarão-se os dous com este conselho para as Fazendas, que tinhão nos sertoens, e o povo socegou com a sua ausencia. Albuquerque proseguio na creação das

Villas, e estabelecimentos da Capitania. Que fadigas, que trabalhos não passaria o prudente General, para segurar o bom exito de huma tão escabrosa, como interessante empreza? Foi elle o primeiro, que soltou com ardimento as redeas do Governo; que pizou as Minas com o luzimento e firmeza correspondente ao caracter que o Rey lhe dera; que promulgou as Leys do Soberano, e fez respeitar o seu Nome neste Continente.

A Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho succedeo D. Braz Balthazar da Silveira, que tomou posse na Camara de S. Paulo em 1713, e passou para as Minas no fim de Setembro do mesmo anno. Foi o seu Governo bastantemente critico por encontrar a opposição dos povos na erecção das casas de Fundição. Subjugou heroicamente alguns levantamentos e sublevaçoens, principalmente em Pitangui, sendo o seu author Domingos Rodrigues do Prado. De Villa Rica foi ter a Marianna em 28 de Junho de 1720. Aqui lhe foi necessario prender huns, e castigar outros com a ultima pena; cujos procedimentos lhe grangearão nas Minas o nome de tirano; mas á sua constancia, e resolução deve Portugal a sujeição desta Capitania. O exemplar castigo conseguio aterrar os animos de hum povo tantas vezes rebelde, e segurou para sempre a Real authoridade. (5)

(5) Foi este Governador que presidio á

Durou o Governo do Conde de Assumar até ao anno de 1721, em que o substituio

---

divisão das Comarcas, que se effeituou em 6 de Abril de 1714, com assistencia do Sargento Mór Engenheiro Pedro Gomes Chaves, e do Capitão Mór Pedro Frazão de Brito; e em que assignarão todos os Procuradores das Villas. Então se assentou que a Comarca de Villa Rica ficasse dalli em diante separada da de Villa Real, hindo pela estrada de mato dentro pelo ribeiro, que desce da ponta de morro entre o sitio de Antonio Ferreira Pinto e de Antonio Correa Sardinha, e faz barra no ribeirão de S. Francisco, ficando a Igreja das Casas altas para a Villa do Carmo; e pela parte do Haubira faria a divisão o mais alto do morro della. Tudo o que pertence a agoas vertentes pela parte do S. tocou á Comarca de Villa Rica; e pela parte do N. á Comarca de Villa Real. O Ribeiro das Congonhas, junto do qual está hum sitio chamado Casa branca, serve de divisão entre as Comarcas de Villa Rica e de S. João d'El-Rey, tocando a Villa Rica tudo o que se comprehende até ella, vindo do dito ribeiro para as Minas Geraes. Do mesmo modo pertence á Comarca de S. João d'El-Rey tudo o que vai até á Villa do mesmo nome, a qual se divide com a Villa de Gorantiguitá pela serra da Martinqueira.

D. Lourenço de Almeida, que foi o primeiro Governador positivo de Minas; pois neste tempo se separou a Capitania de S. Paulo em Governo á parte, ficando os respectivos Generaes só com sujeição ao Vice Rey do Estado. Tomou posse D. Lourenço na Igreja Matriz de N. S. do Pilar do Ouro preto, com assistencia da Camara em 28 de Agosto de 1721.

A D. Lourenço succedeo o Conde das Galvêas André de Mello e Castro, que tomou posse em 10 de Setembro de 1732, na Igreja Matriz de N. S. da Encarnação, de Antonio Dias.

O Conde das Galvêas deo posse a Gomes Freire de Andrade em 26 de Março de 1735. Mediarão alguns Governos interinos, como foi o de Mendonça, Pina, e Mello, na hida que fez o dito Conde de Bobadella ao Rio de Janeiro em 15 de Março de 1736. Foi então outra vez levantado o preito da homenagem em 26 de Dezembro de 1737. Emquanto se deteve no Uraguai com a Real commissão do Tratado de limites, substituio-o seu Irmão José Antonio Freire de Andrade, que tambem depois foi Conde de Bobadella. Foi no tempo deste incansavel General, pelos annos de 1745, que se fez a divisão das Dioceses, repartindo-se o Bispado em tres Cathedraes, que são Rio de Janeiro, S. Paulo, e Minas; cujo primeiro Bispo, que se denomina de Marianna, foi Frei Manoel da Cruz, Religioso de

S. Bernardo. Então passou tambem o Ribeirão do Carmo a Cidade, por Ordem Regia de 23 de Abril do mesmo anno de 1745. Falledendo Gomes Freire de Andrade no Rio de Janeiro no primeiro de Janeiro de 1763, se praticou a via de successão no Illustrissimo Bispo D. Fr. Antonio do Desterro, e nos mais chamados para ella; até que em 28 de Dezembro do mesmo anno, entrou no Governo o General Luiz Diogo Lobo da Silva.

Este Governador, enchendo de merecimento os dias de seu Governo, deo a posse delle ao Excellentissimo Conde de Valladares, em 16 de Julho de 1768.

ARTES

Noticia acerca de varios carros de transporte, e particularmente do que os Francezes chamão Haquet, invenção do celebre Pascal.

*por B.****

MUito se tem trabalhado sobre a amelhoração dos carros; mas além das difficuldades que ha no aperfeiçoar esta maquina tão interessante, accresce que ella deve variar segundo o uso, a que se destina, e o país em qué tem de servir; assim não ha país, que não tenha os seus carros particulares, melhores ou

peores, segundo os habitantes entendem melhor, ou peor os seus interesses.

Não nos propomos a dar hum tratado sobre os carros, mas sómente fazermos conhecidos dois, que julgamos do maior prestimo, todavia faremos menção de alguns dos que nos parecem mais bem entendidos, a fim de suscitarmos o dezejo de que se ponhão em pratica entre nós.

Ha carros de duas, de tres, e de quatro rodas, o seu comprimento, e largura, o eixo inteiro, ou separado para cada roda, o ser este fixo ou movel, o bem equilibrado da meza sobre o eixo, o tamanho, e largura das rodas, &c., tudo varia segundo o país, e emprego, a que he destinado.

O principio geral porém, sobre que se devem estribar he, que sendo o centro da força de inercia, ou resistencia, no eixo, e o da força motrís no peito do cavallo, cabeça dos bois, &c. as rodas tenhão altura proporcional tal, e o eixo seja disposto de modo, que corresponda ao peito d'aquelle, ou á cabeça deste, &c. Note-se que o boi ao puchar abaixa a cabeça até po-la ao nivel do eixo, e que quanto mais baixas forem as rodas, tanto mais obrigado será o animal a abaixar o pescoço, e maior fadiga soffrerá, que, sendo muito altos, o inconvente opposto succederá, e que por tanto se deve buscar pôr-se o eixo parallelo ao ponto, em que reside a força, que deve dar movimento á maquina.

Huma das principaes vantagens, que se deve buscar dar aos carros, he diminuir-lhes a fricção, ou atrito, o que se consegue, ou augmentando a circunferencia da roda, ou diminuindo o diametro do eixo; mas já vimos o inconveniente, que resulta de serem aquelles mui grandes, e de mais não convém então nos paizes montanhosos; fazendo-se o eixo muito mais delgado, diminuido o seu diametro, temos que, obrando as rodas como alavancas, tanto menor será o atrito, quanto maior for, em proporção do seu, o diametro da roda, mas então o eixo com facilidade se quebra.

O carro de quatro rodas he preferivel nas descidas, pois que, offerecendo maior fricção, mais dificil he de despenhar-se, todavia nesse caso se podem pôr os de duas rodas, enraiando ambas, ou huma só, segundo for a descida mais ou menos ingreme, o que se faz atando-a ao eixo com huma corrente ou corda, obrigando-a a arrastar em vez de rolar; vindo sempre a ficar a vantagem do carro de duas rodas sobre o de quatro nas subidas.

De muitas e repetidas experiencias conclue-se que se deve preferir o eixo fixo, e simples, ao duplo e movel: e bem como a experiencia mostra que he mister o dobro da força, que se emprega em faze rrodar o carro, para o que o pôe em movimento, ensina tambem que a falta de cuidado em trazer o eixo bem untado augmenta $\frac{1}{4}$ da resistencia.

Os Inglezes sentindo de quanta utilidade he a bem entendida construcção dos carros, e quanto da largura das caimbas depende a conservação das estradas; em 1754 ordenarão que roda alguma podesse ter menos de 5 polegadas de largura, dimensão prescrita ás caimbas das rodas d'aquelles carros, que no inverno carregassem 2400 libras, e no verão 3300, sendo de duas rodas: sendo porém de quatro, dá-se a mesma largura, mas para o pezo de 8900 libras no Inverno, e de 14900 no Verão: e nesta proporção derão segundo o pezo, a largura de 8, de 15, &c. polegadas ás caimbas, e em 1758 já lhes havia mostrado a experiencia a vantagem desta tarifa.

Em França, vendo-se que se sabia com que pezo póde o animal, admittio-se dar duas polegadas ás caimbas das rodas por cada cavallo que puchasse pelo carro; mas a medida, que parece poder-se geralmente adoptar para as caimbas dos carros, que servem nas Cidades, he a de seis polegadas. Cumpre tambem ordenar aos Calceteiros que nunca ponhão huma pedra grande ao pé de huma pequena, pois que nada ha menos conveniente á conservação das calçadas, e com effeito a razão mostra como a differença do tamanho da pedra sofrendo o mesmo pezo, deve ceder mais ou menos: podem separar as pedras grandes para huma rua, e as pequenas para outra.

Se bem que saia fóra da minha tarefa,

seja-me licito suplicar que acabe o mal entendido uzo de derrubar as arvores, e que se plantem as mais que se poder nas bordas das estradas, e mesmo nas novas povoaçoens e ruas, que felizmente (graças á Presença do Principe, que fecilita o Brazil,) se vão formando todos os dias: ha nada mais barbaro do que privar-nos da sombra em hum paiz, onde tão fortes são os ardores do Sol? Que comparação ha entre o constante calor, que sofremos, com o de alguns dias na America Septentrional, na Hollanda &c., e alli não ha rua, a que lindas alas d'arvores não aformosêem.

Mas passando ao nosso proposito, cumpre notar no uso dos carros que, residindo a mór força dos bois nas suas pontas, as cargas ou jugos devem ser prezos á elias por correêas, e os canzíz inclinados para diante, a broxa larga, e não, como praticamos, obrigando o boi a trabalhar com os encontros, e affogado. Na Champagne os canzís e broxa são formados por hum páo curvo, ficando o pescoço do boi como em tronco. Na Alsace as cangas são separadas para cada boi, e postos á testa do animal, e das extremidades d'elias partem tirantes, que vem prender ao carro. Nas margens do Rheno as cangas são chatas, e assentão na testa dos bois sobre esteiroens; e assim varião segundo o paiz: mas seja qual for a sua fórma, o essencial he fazer com que prenda ás pontas dos bois.

Igualmente, segundo os paizes, varía o modo de prender os cavallos aos carros: são ou hum atrás do outro, ou dous e tres em parelhados &c., e bem como fallei das cangas, lembro para os cavallos os peitoraes, da fórma dos quaes acho escusado fazer a enumeração, pois os que julgo melhores são os feitos de sola, e estufados, formando como cochim, aos quaes se adoptão duas peças de páo, a que prendem os tirantes; abrangendo assim melhor o peito do cavallo, e os tirantes ficando mais afastados não ferem o animal; no Rio de Janeiro ha já huns, que se avizinhão dos que menciono, a que dão o nome de Inglezes.

Entre os melhores carros, que se tem inventado, merece attenção o de *Mr. Berthelot*, aperfeiçoado depois por *Mr. Bauer* (1) com a addição de novos eixos de ferro torneado, tão fortes que para sustentarem o pezo de 120 quintaes tem apenas huma polegada de diametro, quando a pratica he darem-se duas polegadas para o pezo de trinta quintaes. (2)

Em 1784 em París a Academia propôs hum premio para quem descobrisse o melhor carro, e *Mr. Boulard* o alcançou, inventando hum, que reune ao rolar bem a fortaleza, e o não estragar as calçadas; he de duas ro-

---

(1) Annales des Arts et Munufactures n.º 62 pag. 175.

(2) Mecanisme appliqué aux arts v. 2. pag. 76.

das de sete pés de alto, e o eixo tem só 18 linhas de diametro. (3)

Com os viajantes faz *Arthur Young* grandes elogios á carroça Irlandeza, que com hum só cavallo leva de 14 a 15 quintaes: suas rodas são de pequeno diametro, e cilindricas, e postas diferentemente de todas as outras; andão por baixo da caixa do carro, ficando assim a carroça menos larga, e mais livre de pegar-se; falta-lhe porém mais largura na periferia. (4)

A carroça inventada por *Arthur Young* (5) a de *Perronet*, a de *Fossombroni*, que he de tres rodas, duas de hum, e huma de outro lado, e que mereceo tanto na Italia, e varias outras, são credoras de toda a attenção, e que se fação conhecidas, afim de que tiremos dellas o partido, que podem dar.

Porém de todos os carros o mais bem entendido, e que mais attenção mereceo he o que passamos a mencionar. Fai dado ao celebre Filosofo *Pascal* o invento da quelle, que reune quanto se deseja. Os Francezes dão ao carro em questão o nome de Haquet, e nós em

---

(3) Journal de Phisique an. 1785, Part. 2. pag. 426.

(4) Annales des Arts et Manufactures n.º 68 pag. 15.

(5) Diccionario de Rozier v. 10. Art. Voitures.

honra do seu inventor, chamalo-hemos carro de *Pascal*. *Rosier* no artigo *carros* lamenta o pouco uzo, que delle fazem: tanto custa desarreigar máos habitos, e propagarem-se ainda as melhores descobertas; todavia hoje nas cidades da França he mui empregado e mórmente em Paris.

Convencido da utilidade, e vantagem, que sobre os mais carros tem o de *Pascal*, dirigi no Rio de Janeiro a factura de hum, que presentemente está em acção, e póde servir de modelo para quem desta maquina se quizer aproveitar.

Duas barras de madeira formão a meza, ou corpo do carro, a estas se unem dous varaes por duas cavilhas de ferro, que os deixa jogar livremente d'alto abaixo: huma barra de madeira, que prende as duas barras principaes, pousando sobre os varaes, sustenta a meza: assim posta forma hum corpo com os varaes, nestes dous extremos está atravessado hum sarilho, que serve para carregar e descarregar o carro: diversas travessas unem as duas barras principaes, formando com ellas a meza: as duas extremidades posteriores das barras principaes acabão em dous talhos, que servem para melhor se ajuntarem com o chão, quando se empina para ser carregado o carro, o qual estando nesta posição, e formando plano inclinado, o carreiro passa huma corda ao pezo, que tem de carregar, e esta preza ao sarilho, moven-

do este, e firmando os pés na roda do carro para estar mais firme, e poder melhor forcejar, vai levando com facilidade o pezo, que de si mesmo fás abaixar a meza do carro, e po-la na posição, que convém.

O eixo deste carro he fixo, e collocado de modo, em relação á meza, que esta guarde o mais perfeito equilibrio, de sorte que deixada á si mesma se conserve suspensa.

Gastar palavras em descripçoens, quando damos a que melhor falla aos olhos na estampa, que apresentamos, fora perder tempo.

Vê-se pois do exposto que, conservando-se a razão, que a experiencia ensina, que haja entre as rodas e o eixo, temos que o nosso carro rolará com a facilidade, que se requer; demais que em os outros o animal além do trabalho, que tem de puchar, perde muita força em carregar o pezo do carro, o que aqui felizmente se obvia, no equilibrio, que se lhe dá.

Que a bem entendida addição do sarilho, junta á do plano inclinado, que fórma o corpo do carro, e que de si mesmo se move, economiza força immensa; e com effeito hum homem póde carregar este carro de pezo tal, que 6, ou mais, não poderião carregar em outro.

Que não he mister desprender o animal, pois que com o jogo independente da meza com os varaes ficão prezos a estes sem sofrer o menor incommodo, em quanto se carrega ou descarrega, por isso que em ambas as opera-

çoens, empinada a meza, ou corpo do carro, esta fórma corpo separado dos varaes.

Ao descer das ladeiras enraia-se, como fica dito, huma ou ambas as rodas, afim de que augmentada a frição, senão despenhe, e ao subir, huma barra de madeira ferrada na ponta, e preza ao eixo por dous aneis de ferro; a qual anda suspendida por baixo da meza; se larga, e deixa arrastar, e no recuar do carro, fincando-se no chão, prohibe-o recuar, escorando-o.

Querendo-se servir de bois, ou por-se-hâ o animal entre os varaes, e então o jugo será prezo ás duas pontas dos varaes, ou, a querelos jungir do modo ordinario, das duas barras principaes do carro partirão dous barrotes, que se reunirão formando triangulo, de cujo vertice partirá o cabeçalho, e a este se prenderão os bois.

O carro assim disposto serve para o transporte de pipas, caixas d'assucar, rolos de tabaco, fardos &c.

Querendo accommoda-lo ao carreto de pedras arêa, lama &c., então faz-se a meza soalhada de taboas, e cercada de taipaes, tendo pela parte posterior porta, que se abra por corrediça, aldraba etc., neste caso suprime-se o sarilho, mas fica sempre a ventagem no descarregar, e assim disposto está no caso dos carros, a que os Francezes chamão *Tombereau*, e tendo de servir para condução de palha, er-

vas, canas etc., cerca-se de foeiros dos quatro lados, e estes prezos huns ao outros com ripas, formando grade, ou sómente foeiros, segundo o emprego, que se lhe quer dar, havendo porém em todo o caso o cuidado de fazer os furos para os foeiros, da parte de diante e de trás, obliquos, de maneira que se abrão inclinando para fóra, e dem lugar á maior carga, e para descarregar facilmente pratica-se huma porta, ou cancela na parte posterior. Este he o carro, a que chamão os Francezes *Guimbarde*.

Chamão *Camion* ao mesmo carro de Pascal, quando he de quatro rodas mui baixas, e que serve de carregar grandes pezos.

Vê-se como, sempre fundado no mesmo principio, Pascal varia o seu carro accommodando-o aos diversos usos, que se lhe houvesse de dar, mas, deixando as demais fórmas, vejamos a do que fizemos construir no rio de Janeiro.

A figura 1.ª representa o profil do carro em questão. AB he huma das barras, ou chedas, nas quaes engastão as travessas, ou chatas. DE hum dos dous varaes. F a extremidade da traveta *p*, dente, ou macho do varal. C huma das caixas do sarilho. *rs* barras ou braços do sarilho. *m* gato de ferro, que cinge a cavilha de ferro, que prende o varal ás chedas. KL chapas de ferro, que apertão as duas chedas. GH especie de chumaceira. *mn* gato de ferro das chumaceiras.

A figura 2.ª representa o plano do carro AB, *ab* chedas, cujas faces superiores são inclinadas. C gola, que recebe o pescoço do sarilho. DE, *de* varaes. F travessa adaptada á parte inferior dos varaes. *p* travessa dos varaes. Y*y* cavilha de ferro, que prende as travessas das chedas. *xxx* &c. travessas, ou chatas das chedas. MN sarilho. K*k*, L*l*, chapa de ferro que aperta as duas chedas. TV chapuzes, ou cubos, que servem de impedir á roda o tocar na meza do carro.

Tendo-se de conduzir mui grandes pezos, então o carro, que mais convem he o que representamos nas figuras 3.ª e 4.ª. A figura 3.ª offerece o seu profil. *ab* he o varal esquerdo *e* rolo, sobre que passa a cadêa, que suspende o pezo, que vai por baixo, e nunca por cima do carro. H chumaceira movel em toda a extenção do varal. CD alavanca, por baixo da qual passa a corrente. DTV corda, que suspende o pezo. *f* chapús. ST pezo, ou carga.

A figura 4.ª apresenta o plano do mesmo carro, ao qual se figura suspendido hum madeiro ST. AB, *ab* varaes. E*e* rolo. CD alavanca, que passa sobre a cadêa e por baixo do rolo. *g*, *h*, *k*, *l*, *m*, *o*, *p*, *q*, *r*, travessas ou chatas. *n* eixo. F*f* chapús.

Outro carro para a condução de pezos, bem entendido, e que merece attenção, vem anuncia-

do nos Annaes das Artes e Manufacturas. (6) Mas em quanto não temos estradas, as lamas apresentão grande dificuldade ás conduçoens; e com effeito são inconcebiveis as que tem o pobre lavrador que vencer no reconcavo da Bahia, e mórmente no termo de Santo Amaro da Purificação: por isso para o transporte no tempo chuvoso lembra-me que os Treneis deverião ser preferidos aos carros, e sei com summo gosto, que Alexandre Gomes Ferrão, Agricultor distincto, e que a bem d'Agricultura viajou grande parte da Europa, trazendo copia de luzes á nossa Patria, me precedeo, pondo os treneis em pratica, e provando a sua vantagem.

O Trenel he huma especie de carro sem rodas, e em fórma de naveta, que arrastra sobre duas barras de madeira curvas, e chapeadas de ferro; he o em que nos paizes do norte se viaja no tempo dos gelos.

Não obstante o que acabamos de dizer, convem que se ponhão os carros mencionados em acção, tanto nas cidades e povoaçoens, como nos paizes e districtos, onde não ha o inconveniente dos lamaçaes, e mesmo nestes podem servir no tempo seco. Sem haver quem abra o exemplo, vem a ser inuteis quantas memorias se escrévem, ainda que sejão de co-

---

(6). Vid. Ann. des Arts et Manuf. n.º 64 pag. 104; e tambem Encyclopedia, Art. Efourceau.

nhecida utilidade. Tanto póde o habito nos homens afincados á rotina! Todavia temos tantos lavradores distinctos, que he de esperar que as melhoraçoens em todos os generos facilmente se propaguem; e as que se fizerem á cerca dos carros devem convidar, pelas ventagens não equivocas, a que sejão logo abraçadas, e o carro de Pascal mostrando já em pratica a sua utilidade, espero que a minha lembrança seja proveitosa e seguida pelos meus compatriotas; a bem dos quaes consagrei, e consagrarei sempre os meus estudos e desvelos.

NECROLOGIA.

NA Gazeta de Lisboa de 4 de Janeiro veio annunciada a morte de hum benemerito guerreiro Portuguez, tão distincto por seus serviços, como por seus sofrimentos. Servir-me-hei das mesmas expressoens daquella Gazeta, que são as seguintes

O Illustrissimo *Francisco Teixeira Lobo*, natural de *Villa Real*, Tenente Coronel do Regimento de Cavallaria N.° 12. depois de se ter distinguido por muitas vezes, e batido no decurso desta Campanha com os nossos inimigos em differentes occasioens, com aguerrido valor, e honra, de que os papeis pú-

blicos já algumas vezes fizerão menção, foi aprisionado pelos nossos inimigos no dia 11 de Agosto do presente anno, na batalha de *Maclaonda*, e conduzido ao Exercito *Francez*, hindo muitas vezes a pé, sofrendo muitas ignominias dos Soldados do Tyranno, cujas terriveis acçoens, sendo contrarias aos direitos da Guerra, e das Gentes (porém sempre por elles praticadas), apezar de muitos trabalhos, pôde aquelle honrado Official escapar-se dos Vandalos em *Alculia*, e foi buscar o azilo dos nossos fieis Alliados da *Gran-Bretanha* em *Alicante*, aonde roto, descalço, e cheio de miserias, se encontrou na Sala do General *Metland* com seu filho do mesmo nome, e Alferes do mesmo Regimento, que tinha hido com despachos, e passaportes do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marquez de *Torres Vedras*, para tratar do resgate de seu Pai, que alli se encontrarão por casualidade, e acabando-se-lhe o dinheiro, que levava, pedio ao Excellentissimo General de *Alicante* algum dinheiro para tratar de seu Pai gravemente molestado, ao que respondeo o dito Excellentissimo General, que elle tinha ordem do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marechal General para lhe prestar todo o soccorro, de que carecesse, e lhe mandou dar duzentos duros; e fallecendo o dito Tenente Coronel no dia 15 de Outubro, foi enterrado em *Alicante* com toda a pompa, e grandeza Militar,

como se vê na Ordem do dia, que aqui se transcreve.

Ordem do Dia do Excellentissimo Senhor General Metland para o enterro do Senhor Tenente Coronel Lobo.

O Enterro do Senhor Tenente Coronel *Lobo*, do Serviço *Portuguez*, será ás 3 horas e meia da tarde. O General em Chefe espera, que todos os Senhores Officiaes *Inglezes* da Guarnição de *Alicante*, e aquelles da III. Brigada, que não estejão de Serviço, acompanharão o defunto até á sepultura, como hum signal de respeito á memoria de hum respeitavel, e veneravel Official no Serviço de hum verdadeiro, e intimo Alliado da Nação *Britanica*. A Partida de Tropa, que ha de acompanhar o Funeral, consistirá de hum Senhor Tenente Coronel, hum Major, tres Capitães, seis Subalternos, vinte e quatro Sargentos, seis Tambores, e trezentos Soldados; os Senhores Tenentes Coroneis *Hamilton*, *Blache*, *Holiombe*; e os Senhores Majores *Frasa*, *Baltandi*, *Williamson*, pegarão no caixão; os Musicos do Regimento N.º 81 assistirão a acompanhar o enterro; os Senhores Officiaes se ajuntarão em frente da Casa do fallecido, na rua da *Liorna* pelas tres horas da tarde, aonde o enterro será arranjado por hum Official do meu Estado Maior.

POLITICA.

Tratado de Alliança entre S. M. o Imperador e Rei e o Imperador de Austria.

SUA M. o Imperador dos Franczezes, Rei de Italia, e S. M. o Imperador de Austria, dezejando perpetuar a amizade e harmonia, que existem entre elles, e concorrer pela intimidade e força da sua união, quer para manter a paz do Continente, quer para restabelecer a paz interior:

Considerando que nada seria mais proprio para produzir estes felices resultados do que a conclusão de hum tratado de alliança, que tivesse por fito a segurança dos seus Estados e possessoens, e a garantia dos principaos interesses de sua politica respectiva, nomearão para este effeito os seus Plenipotenciarios, a saber:

S. M. o Imperador dos Francezes a Mr. Hugues Bernard, Conde Maret, Duque de Bassano &c. &c.: e S. M. o Imperador da Austria, ao Principe Carlos de Schwartzenberg, Duque de Kruman, &c.

Os quaes, depois de haver trocado os seus plenos poderes respectivos, convierão nos artigos seguintes:

I. Haverá para sempre, amizade, união, sincera alliança entre S. M. o Imperador dos

Francezes, Rei de Italia, e S. M. o Imperador d'Austria, Rei de Hungria, &c. Em consequencia, as altas Potencias contratantes applicarão a maior attenção em manter a boa intelligencia tão felizmente estabelecida entre si, seus Estados e vassallos respectivos, evitar quanto poder altera-la, e procurar em toda a occasião a sua mutua utilidade, honra, e interesse.

II. As altas partes contractantes se garantem reciprocamente a integridade dos seus territorios actuaes.

III. Em consequencia desta garantia reciproca, as duas altas partes contractantes trabalharáõ sempre de máos dadas nas medidas, que lhes parecerem mais proprias para a paz; e caso que os Estados de huma ou outra sejão ameaçados de huma invasão, ellas empregaráõ os seus bons officios mais efficazes para a prevenir.

Mas como estes bons officios poderião não ter o effeito desejado, ellas se obrigão a soccorrerem-se mutuamente no caso, em que huma ou outra viesse a ser attacada, ou ameaçada.

IV. O soccorro estipulado pelo artigo precedente será composto de 30$ homens, dos quaes 24$ de infantaria, e 6$ de cavallaria, constantemente conservados completos, e de hum trem de 60 peças de artilharia.

V. Este soccorro será fornecido á primeira requisição da parte attacada, ou ameaçada,

por-se-ha em marcha com a menor demora possivel; e, o mais tardar, antes do fim dos dois mezes, que se seguirem á exigencia, que se houver feito.

VI. As duas altas partes contractantes garantem a integridade do territorio da Porta Ottomana na Europa.

VII. Igualmente garantem, e reconhecem os principios de navegação dos neutros, quaes forão reconhecidos e consagrados pelo tratado Utrecht.

VIII. O presente tratado de alliança não se poderá publicar, nem communicar a algum Gabinete, senão de accordo entre as duas altas partes.

IX. Será ratificado, e as ratificaçoens serão trocadas em Vianna dentro de 15 dias, ou mais cedo, se possivel for.

Feito e assignado em París, a 18 de Março de 1812.

(Assignados.) O Duque de Bassano.
O Principe Carlos de Schwartzenberg.

Tratado de Alliança concluido a 24 de Fevereiro entre Sua Magestade o Rei de Prussia e Sua Magestade o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, &c., e ratificado em Berlim a 5 de Março de 1812.

SUA Magestade o Rei da Prussia, e S. M. o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, Protector da Confederação do Rhim, Mediador da Confederação Suissa, etc., Querendo apertar mais estreitamente os laços, que os unem, nomearão para seus Plenipotenciarios, a saber: S. M. o Rei da Prussia a Mr. Frederico William Louis Barão de Krusemarch, Major General de S. M. o Rei da Prussia, Seu Enviado Extraordinario, e Ministro Plenipotenciario a S. M. o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, Cavalleiro da Grande Ordem da Aguia, e da do Merecimento.

S. M. o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, Protector da Confederação do Rhim, Mediador da Confederação Suissa, a Mr. Hugues Bernard, Conde Maret, Duque de Bassano, Grande Aguia da Legião de Honra, Commendador da Ordem da Corôa de ferro, Grão Cruz da Ordem de S. Estevão de Hungria, S. Hubert de Baviera, e da Corôa de Saxonia, Cavalleiro da Ordem do Sol da Persia da 1.ª Ordem, Grão Cruz da Ordem da Fidelidade de Baden; hum dos Quarenta da

2.ª Classe do Instituto Imperial Francez, Seu Ministro dos Negocios Estrangeiros, os quaes depois de haverem communicado os seus respectivos plenos poderes, concordarão nos seguintes artigos:

Art. I. Haverá Alliança defensiva entre S. M. o Rei da Prussia, e S. M. o Imperador dos Francezes, Rei da Italia, seus herdeiros e successores, contra as potencias da Europa, com as quaes qualquer das partes Contractantes, tem agora, ou houver de ter guerra.

II. As duas Altas Potencias Contractantes garantem reciprocamente a integridade dos seus actuaes territorios.

III. No caso que a presente Alliança se ponha em effeito, e cada vez que aconteça similhante caso, as Potencias Contractantes fixarão as medidas, que for mister tomar, por huma convenção particular.

IV. Cada vez que a Inglaterra quiser attacar os direitos de Commercio, quer declarando bloqueadas as costas de huma, ou outra das Partes Contractantes, quer por alguma outra disposição contraria aos direitos maritimos consagrados pelo Tratado de Utrecht; todos os portos e costas das ditas Potencias serão igualmente interditas aos navios das naçoens neutras, que soffrerem ser violada a independencia da sua bandeira.

V. O presente tratado será ratificado, e

as ratificaçoens trocadas em Berlim; dentro do espaço de 10 dias, ou mais cedo, se possivel for.

Dado, e assignado em París a 24 de Fevereiro de 1812.

(Assignados) O Duque de Bassano.
O Barão Krusemark.

NÃO havendo recebido noticias modernas da Europa, nem podendo em consequencia adiantar cousa alguma ao que tenho dito nos Numeros precedentes, tenho toda ia a satisfação de occupar-me neste de hum objecto muito interessante, que em vez de aterrar a humanidade, como as scenas sanguinarias da guerra, fazem o seu mais bello ornato, e concorrem directamente á sua felicidade. O augmento das luzes, procurado anciosamente por uteis instituiçoens, he o agradavel objecto, que do melhor grado tenho hoje que offerecer ao Publico.

A Academia Real Militar fez a sua publica abertura no dia 1 de Abril, em presença da Junta de Direcção, e de grande concurso do povo; abrirão-se pela primeira vez as Aulas de Astronomia, e Geodesia, de Tactica, de Physica, e brevemente a de Chimica. Por este modo a referida Academia, depois de dois annos de assiduo trabalho, of-

ferece á educação militar as seguintes doutrinas, explicadas pelos Professores, que mencionarei igualmente, para deste modo se avaliarem melhor os grandes beneficios, que trouxe ao Brasil a Augusta Presença de S. A. R. E se a moral se apura, á medida que se propagão os conhecimentos, e daquella depende a felicidade publica, eu estou certo que nenhum homem sensato se recusará ao fiel tributo de veneração, que eu tantas vezes hei offerecido em nome do meu Continente, assim de voz como por escrito.

Mathematica.

1.º anno. Arithmetica, Algebra, Geometria, e Trigonometria Plana.

Lente o Capitão Engenheiro Antonio José de Amaral.

Numero de Discipulos matriculados no presente anno 10.

2.ª Aula Desenho.

Lente o Capitão Engenheiro João José Ferreira de Souza.

2.º anno. Algebra superior, Complemento d'Algebra, Applicação d'Algebra á Geometria, Calculo Differencial e Integral.

Lente o Capitão Engenheiro André Pinto Duarte. Por seu impedimento rege actualmente a Cadeira o Lente Substituto Fr. Pedro de Santa Marianna.

Discipulos matriculados 15.

2.ª Aula, como no primeiro.

3.º anno. Mechanica.

Lénte o Capitão Engenheiro José Saturnino da Costa Pereira.

Discipulos matriculados 12.

2.ª Aula, como no primeiro.

4.º anno. Trigonometria Esferica, Optica, Astronomia, e Geodesia.

Lente o Sargento Mór Engenhelro Manoel Ferreira de Araujo Guimaraens.

Discipulos matriculados 6.

2.ª Aula do mesmo, Physica.

Lente o Capitão Engenheiro Luiz Antonio Barradas.

5.o anno e 1.º militar. Strategia, Tactica, &c.,

Lente o Sargento Mór Engenheiro João de Souza Pacheco Leitão.

Discipulos matriculados 14.

2.ª Aula, Desenho Militar.

Lente o mesmo dos precedentes.

Chimica.

Lente o Doutor Gardiner.

Vemos por tanto applicando-se ás Sciencias 57 discipulos, pela maior parte Officiaes, que por este meio se habilitão a fazerem relevantes serviços ao Estado, e conservarem ao nome Portuguez aquella gloria inauferivel, que lhe provém do seu valor decidido, e não de

circunstancias algumas estranhas, como o provarão nos Seculos passados na Europa, na Africa, e sobre tudo na Asia, e ao presente na honrosa lida, que tão briosamente sustentão pela causa da sua liberdade contra os Vandalos dos nossos dias.

A este Regio Estabelecimento tenho a satisfação de ajuntar o utilissimo Plano de Prelecçoens Philosophicas de hum homem de conhecido saber, e da mais bem merecida reputação. He escusado pronunciar sobre a sua utilidade, quando sobra a sua mesma exposição. Além da manifesta necessidade das materias, que se vão explicar, brilha no Plano que se segue aquelle espirito de methodo que he só produzido por huma madura meditação sobre as materias, que tem já feito o objecto de hum serio e aturado estudo.

O Curso de Prelecçoens Philosophicas terá por objecto

1.° A Theórica do *Discurso* e da *Linguagem*: em que se exporão os Principios da *Logica*, da *Grammatica geral*, e da *Rethorica*.

2.° O Tratado das *Paixoens*: primeiramente consideradas como simples sensaçoens, e versando sobre materias de *Gosto*; donde se deduzirão as regras da *Esthética*, ou da Theorica da *Eloquencia*, da *Poesia*, e das *Bellas-Artes*: depois consideradas, como actos moraes, comprehendidos nas idéas de *Virtude* ou

de *Vicio*, darão lugar a desenvolverem-se as maximas da *Dicèosyna*, que abrangerá a *Ethica* e o *Direito Natural*.

3.º O *Systema do Mundo*: em que depois de se tratar das propriedades geraes dos Entes, ou da *Ontologia*, e da *Nymenclatura das Sciencias physicas e mathematicas*, se expenderão as noçoens elementares da *Cosmologia*: e destas se deduzirão as relaçoens dos Entes creados com o Creador, ou os Principios da *Theologia Natural*.

Além da Exposição de Theórica, haverá em cada huma das Prelecçoens lição e analyse de alguma Obra escolhida dos principaes Philosophos, Oradores e Poetas, assim antigos como modernos, sagrados e profanos.

No dia 26 do corrente recitou o Sabio Professor hum eloquente discurso sobre as materias acima enunciadas, onde brilharão os principios filosoficos, que o distinguem, e prorogou as suas Prelecçoens para o dia 18 de Maio.

STATISTICA.

Mappa dos Habitantes da Capitania da Paraiba do Norte em 1812 e 1811.

	1812		1811	
	Hom.	Mulh.	Hom.	Mulh.
Brancos	17833	18169	22560	22648
Indios	1567	1734	1707	1698
Pretos	3747	3776	4228	4198
Mulatos	17696	17652	23621	24114
	40843	41331	52116	52658
Cativos.				
Mulatos	1216	1291	7044	6679
Pretos	5872	4609	1900	2010
	7088	5900	8944	8689
Total Homens		47931	61060	61347
Mulheres		47231	61347	
Soma		95162	122407	
			95162	
			27245	

Capitania do Espirito Santo.

Livres		11$900	24$000
Captivos		12$100	
Engenhos	de Assucar	60	126
	de Agoardente	66	
Embarcaçoens	Sumacas	21	47
	Lanchas	26	

Producçoens.

Panos de algodão	12$ lib.
Algodão	12$
Agoardente	48$ can
Assucar	15$ lib.
Milho	12$ alq.
Feijão	17$800
Farinha	72$

COMMERCIO.

Producçoens da Ilha Grande, consumo, e exportação.

1811.

Generos.	Producç.	Consum.	Export.	Exist.
Assucar	3927 ar.	1700	1527	700
Caffé	18000	350	9650	8000
Anil	5		5	
Cacáo	15		15	
Algodão	112		112	
Arroz	9531 alq.	1400	8131	
Feijão	1889	1889		
Goma	8	8		
Milho	1024	1024		
Farinha	72000	72000		
Madeira	161 duz.		161	
Agoardente	1061 pip.	75	886	100
Peixe	62000 cent.	57600	4400	
Cal	400 mo.		400	
Couros	531	531		

Estes productos importão por huma avaliação media. 192 778 160

O consumo 103 042 760
A exportação 71 755 400
O existente 17 980 000

192 778 160

Importação dos generos em 1810	166 319 360
Augmento	26 458 800

Noticia da Importação, e exportação das possessoens Portuguezas no porto de Liverpool nos mezes de Julho, Agosto, Setembro e Outubro de 1812, extrahida de Mappas officiaes.

Importação.

Generos.	Portos.	Quantidades.
Algodão	Lisboa	157 sacas
	Bahia	6151
	Pernamb.	10647
	Maranhão	11282
	Total	28237
Azeitonas	Porto	4 barris
Barrilha	Lisboa	805 ton. e 74 sur.
Brazil páo	Bahia	2 e 20 pedaços.
	Pernamb.	83 ton.
Cabel. de Camelo	Lisboa	23 cai.
Caffé	Rio	60 sac.
Cebo	Rio	292 marq.
	Bahia	74
	Total	366
Cebolas	Porto	406 caix.
Cortiça	Porto	25 ½ ton.
	Faro	17 ½

	Total	43
Couros	Rio	20040
	Bahia	1148
	Total	21188
Fruta	Lisboa	606 caix.
	Porto	841
	Total	1447
Ipicacuanha	Pernamb.	2 caix.
Lan	Lisboa	2350 sac.
	Porto	77
	Total	2427
Pelles	Bahia	1 saco
Sarro de vinho	Porto	8 sac. e 66 a.
Sumagre	Porto	307 sacos
Tatagiba	Rio	270 ½ ton. 2290 p.
	Bahia	274
	Pernamb.	98
	Total	842 t. 290 ped.
Vinho	Porto	348 ¼ pip.
	Madeira	26 ¾
	Lisboa	50
	Total	425 ½

Exportação

Aço	Madeira	2 quintaes
Agoardente	Lisboa	1576 galoens
	Brazil	1518
Alcatrão	Brazil	27 q. e 67 bar.
Algodão	Lisboa	108832 peç.

	Porto	34514
	Madeira	142
	Brazil	127814
	Total	271302 lib.
Algodão tecido	Lisboa	6256
	Porto	13472
	Brazil	860
	Total	20588
Arame	Lisboa	10 q.
Arcos de ferro	Brazil	4600
Arcos de páo	Brazil	20000
Arenques	Madeira	50 bar.
Arreios	Lisboa	19 q.
	Porto	7
Arroz	Lisboa	5 $\frac{3}{4}$ q.
	Porto	1 $\frac{1}{2}$ ton.
Assucar	Lisboa	232 $\frac{1}{4}$ q.
Ataduras de lan	Lisboa	30 q.
	Porto	12
Batatas	Lisboa	500 bar.
	Porto	150
	Açores	200
	Brazil	1715 bux.
Barretes de lan	Lisboa	705 duz.
	Porto	120
	Brazil	1242
	Total	2067
Caparroza	Porto	10 q.
Carne	Lisboa	219 b.
Cartas de jogar	Brazil	2 caixas

Carvão	Lisboa	19 ch. 2 ton.
	Madeira	38
	Brazil	83 49
Caximbos	Lisboa	180 grozas
Chailes de alg.	Brazil	9 duz.
Chapeos	Lisboa	27 duz.
	Porto	19
	Madeira	48
	Brazil	1158
	Total	1252
Chapeos de sol	Lisboa	207 duz.
	Porto	55
	Brazil	911
	Total	1173
Chitas	Lisboa	89988 jard.
	Porto	29016
	Brazil	217760
	Total	336664
Chumbo	Lisboa	104 ½ q.
	Porto	18
	Brazil	327
	Total	449 ½
Cinzas	Lisboa	22 ¾ q.
Cobertores	Lisboa	1088
	Porto	72
	Brazil	1539
	Total	2699
Cobre em folha manufact.	Brazil	38 ¾ q.
	Porto	7
	Brazil	449 ½

Cordagem	Brazil	14 q.
Cordão de lan	Lisboa	4 q.
	Porto	9
Çapatos	Brazil	30 d.
Drogas	Lisboa	27 q.
	Porto	9
	Brazil	2
Estanho	Porto	10 q.
	Brazil	42 ¾
Farinha	Lisboa	1187 q.
	Porto	457
Fazenda de seda	Brazil	33 lb.
Ferragens	Lisboa	649 q.
	Porto	243
	Madeira	47
	Açores	5
	Brazil	746
	Total	1690
Ferro	Porto	27 q.
	Madeira	18
	Brazil	387
Arame	Porto	6
Fundido	Porto	188 ½
	Lisboa	57
	Madeira	26
	Brazil	268 ¾
Arcos	Lisboa	5 ton.
	Madeira	48
Barra	Porto	113 ¾
	Brazil	56

Pastas	Porto	30
	Brazil	0,1
Fitas	Lisboa	33 q.
	Porto	9
	Brazil	36
Folhas de lata	Porto	12 q.
	Brazil	38
Folhas de tabaco	Brazil	19867 lb.
Garrafas	Porto	10 groz.
Ladrilhos	Brazil	10000
Lan	Lisboa	6413 peç.
	Porto	21940
	Madeira	1031
	Açores	400
	Brazil	9074
	Total	38858
Lenços	Lisboa	2962 duz.
	Madeira	280
	Brazil	2938
	Total	6180
Lona	Lisboa	2658 varas.
Louça	Lisboa	249 gig.
	Porto	320
	Brazil	202
	Açores	181
	Madeira	15
	Total	967
Luvas	Lisboa	84 duz.
	Brazil	18
Manteiga	Brazil	2666 bar.

	Porto	105
Meia	Porto	187 peç.
	Brazil	64
Meias de algodão	Lisboa	706 duz.
	Brazil	1251
de lan.	Lisboa	464 d.
	Porto	120
Mialhar	Porto	3 q.
Munição	Porto	57 q.
Nastro	Lisboa	3638 duz.
	Porto	765
	Brazil	2384
	Total	6787
Oleo de balêa	Porto	6 ton.
de linhaça	Porto	420 gal.
	Brazil	206
Panellas de ferro	Brazil	400
Pano de linho	Lisboa	33659 jar.
	Porto	429
	Brazil	27682
	Madeira	6 peças
Papel	Lisboa	2353 lb.
	Brazil	13104
Papeis impressos	Brazil	20 q.
	Açores	3
Pip ½ e ¼ em ado.	Açores	1523
Prezuntos	Lisboa	349 q.
	Madeira	3
	Brazil	23
Quejo	Lisboa	135 q.

	Porto	86
	Brazil	77
Renda de alg.	Brazil	216 peç.
de lan	Lisboa	90 mas.
Sal	Porto	4432 bux.
	Brazil	14610
Seda	Brazil	186 lb.
Serveja	Lisboa	184 bar.
	Porto	63
	Madeira	10
	Brazil	670
	Total	927
Suspensorios	Lisboa	66 duz.
	Brazil	507
Tabaco	Lisboa	11748 lb.
Tapetes	Lisboa	20
Tinta	Porto	318 q.
	Brazil	9
Toucinho	Lisboa	240 q.
Transad. de lan	Lisboa	44 q.
Verguinha	Porto	135 ton.
Vidro	Brazil	19 q.
	Açores	1
Vinho de Hesp.	Brazil	59 gal.

Em o N. 3. pag. 79, Pensamento 6 em lugar de — Muitos se abstem por acanhados do que outros fazem por virtuosos — lêa-se — Muitos se abstem por acanhados do que outros fogem por virtuosos. E pag. 80, Pensamento 7, em lugar de — Querendo prevenir males, de ordinario contingentes, o homem prudente vive sempre em tortura, gosando menos do presente do que do futuro — lêa-se — Querendo prevenir males, de ordinario contingentes, o homem prudente vive sempre em tortura, gosando menos do presente do que soffre no futuro.

Continuação do Estado da athmosfera.

Dia	*Ther.*	*Bar.*			*Tempo*
	Graos	*Pol.*	*Vint.*	*Mil.*	
28	79	29	16	16	chuvoso
29	77		16	18	denso
30	77		16	22	dito e chuvoso
		Abril.			
1	75	29	16	24	denso
2	75		16	32	claro
3	76		16	24	dito
4	76 ½		16	16	
5	80		16	24	
6	76		16	22	chuvoso
7	74		16	36	claro
8	74 ½		16	40	dito
9	77		16	20	dito
10	76		16	12	
11	74		16	20	
12	74		17	42	chuvoso
13	74		17	40	claro
14	74		17	44	dito
15	74		15	18	dito
16	75		15	12	
17	74		15	22	
18	74		15	26	
19	74		15	30	
20	75		15	20	chuva

Dia	*Ther.*	*Bar.*			*Tempo*
	Graos	*Pol.*	*Vint.*	*Mil.*	
21	71	29	15	20	denso, e chuva
22	70		15	12	dito
23	71		15	14	dito
24	71		15	34	chuva
25	70		17	8	denso, e chuva.

INDICE.

LITTERATURA.

Ode remettida de Versailles á París por Francisco Manoel do Nascimento (Filinto Elysio) á Domingos Borges de Barros. pag. 3
*Epistola em reposta , remettida de Paris á Versailles , por B*** á Filinto Elysio.* 5
Lyra inedita de Gonzaga. 8
Epigrammas de Diniz. 10
Satira. 11

GRAMMATICA PHILOSOPHICA.

Memoria de S. P. F. 21

ELOQUENCIA.

Pratica de Alexandre de Gusmão , entrando na Academia Real de Historia Portugueza , em o dia 13 de Março de 1732. 29

HISTORIA.

Memoria Historica e Geographica da descoberta das Minas , Extrahida de Manuscritos de Claudio Manoel da Costa , Secretario do Governo daquella Capitania , que consultou muitos Documentos authenticos , existentes na Secretaria do Governo , e em outros Archivos. 40

ARTES.

*Noticia acerca de varios carros de transporte, e particularmente do que os Francezes chamão Haquet, invenção do celebre Pascal. Por B.**** 68

NECROLOGIA.

Falecimento e enterro do Tenente Coronel Lobo. 81

POLITICA.

Tratado de Alliança entre S. M. o Imperador e Rei e o Imperador de Austria. 84
Tratado de Alliança concluido a 24 de Fevereiro entre S. M. o Rei de Prussia e S. M. o Imperador dos Francezes, Rei de Italia, etc., e ratificado em Berlim a 5 de Março de 1812. 87

STATISTICA.

Mappa dos Habitantes da Capitania de Paraiba do Norte em 1812 e 1811. 94

COMMERCIO.

Producçoens da Ilha Grande, consumo, e exportação. 96
Noticia de Importação, e Exportação das

possessoens Portuguezas no porto de Liverpool nos mezes de Julho, Agosto, Setembro, e Outubro de 1812, extrahida de Mappas Officiaes. 97

Continuação do Estado da athmosfera. 106

E

Co